

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE MESTRADO EM ARTES VISUAIS**



UM RELICÁRIO DE PALAVRAS: UMA ESCRITA QUE IRROMPE DE UM PALIMPSESTO, DE UM CUIDADO, DE UM DEVIR-  
DOCENTE...

**Ronaldo Luís Goulart Campello**

**Pelotas, 2020**

**Ronaldo Luís Goulart Campello**

UM RELICÁRIO DE PALAVRAS: UMA ESCRITA QUE IRROMPE DE UM PALIMPSESTO, DE UM CUIDADO, DE UM DEVIR-  
DOCENTE...

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Mestrado, área de concentração Arte Contemporânea da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes Visuais sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ursula Rosa da Silva.

**Pelotas, 2020**

Banca Examinadora:

Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ursula Rosa da Silva – PPGAV/UFPEL

Membro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helene Gomes Sacco – PGAV/UFPEL

Membro

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Claudio Tarouco de Azevedo – PGAV/UFPEL

Membro

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Alberto D'Ávila Coelho – MPET/IFSUL

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

C193r Campello, Ronaldo Luis Goulart

Um relicário de palavras : uma escrita que irrompe de um palimpsesto, de um cuidado, de um devir docente... / Ronaldo Luis Goulart Campello ; Ursula Rosa da Silva, orientadora. — Pelotas, 2020.

98 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Devir-docente. 2. Escrever. 3. Ensino de artes. 4. Formação de professores. 5. Cartografia. I. Silva, Ursula Rosa da, orient. II. Título.

CDD : 700.7

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

## **Agradecimentos**

A minha esposa Marta e ao meu filho Arthur por suportar meu humor [ou a falta dele];

A minha orientadora Ursula Rosa da Silva, por ter me dado a oportunidade de dar seguimento a este pensamento que se faz no entre;

Aos professores que participam desta banca, pessoas que tenho muito apreço, e a todos os novos-antigos companheiros que se fizeram presentes na caminhada empreendida de escrita e leitura, e que de algum modo, contribuíram na confecção desta proposta de pesquisa...

## Sumário

Resumo 06

nemuseR 07

*A culpa* 09

Algumas pegadas que foram seguidas... 10

Dicionário de palavras raspadas criado para distrair, ou não...  
15

*Escapar... 19*

As límpidas águas do intelecto que forjam a atualidade ou  
somente m26. 21

O que pode escapar do silêncio? 25

A página que encerra o texto ou que liberta a ideia – vagueia  
livre... 37

Por que caminhar? O deserto, esta escrita; notas de um  
andarilho... 38

uma sombra bailarina solitária 43

*– Saramago [poema] 52*

Meu diário triste de horrores cotidianos, ou um relicário de  
palavras... 53

o gorjeio dos pássaros. 56

Angustia 57

Fotos 01 a 06 páginas 60 a 66. Série Angústia.

Hiato 67

O rato, o guerrilheiro e o professor: Tocas, trincheiras e  
resistência... 80

Referências: 82

Apêndice 87

Notas de fim 89

## Lista de Imagens e fotos

Foto 01: Show m26 - RS & INCANTATION – USA. Em São José – SC 2001. Página 24

Foto 02: Show m26 - RS em Montevidéu Uruguai 2001. Página 25

Imagem Ouroboros. Página 33

Fotos 01 a 06. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 62 a 68

Fotos 02. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 62

Fotos 03. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 63.

Fotos 04. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 64.

Fotos 05. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 65.

Fotos 06. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 66.

Fotos 07. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 67.

Fotos 08. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor. Páginas 68.

## Resumo

Antes de tudo cabe perguntar se você sabe o que é um relicário? Pois bem, um relicário é o lugar onde se guardam coisas que possuem um valor especial, e, a proposta aqui é justamente esta: guardar uma escrita que possui um valor especial. Se não minha de outros. Este é um texto que tenta organizar o caos de pensamento de um professor, um pesquisador, poeta, um andarilho que escapa em seu professorado e busca a partir do uso da escrita criar espaços de expressão e subjetividade que dêem conta de problematizar seu fazer docente. Este é um escrivão, escrivão, que busca operar um método. Esta proposta de investigação busca empreender um pensamento sobre um modo de fazer docência. Um devir-docente. Utiliza-se da escrita para pensar este fazer. Oferece *práticas pedagógicas menores onde* este artifício se faz potente e articula pensar processos de subjetivação. Encontros. Esta proposta de pesquisa, antes de tudo, não busca ir atrás de respostas, mas sim lançar mão de algumas questões para pensar este devir-docente, e a escrita é meio, é entre, é um avizinhar-se. Aqui foi trazido foi uma narrativa sobre questões que inquietam. Oferece exercícios realizados em sala de aula, dizeres de outros [objetos] e busca compreender tais exercícios, tal como os seus próprios.

**Palavras chave:** Devir-docente. Escrever. Ensino de Artes. Formação de Professores. Cartografia.

## nemuseR

.soiporp soyus sol omoc lat ,soicicreje selat rednerpmoc acsub y ]sotejbo[ sorto ed sarbalap ,alua le ne sodazilaer soicicreje ecerfO .nateiuqni euq senoitseuc erbos avitarran anu euf odíart euf íuqA .roziva nu se ,ertne se ,oidem se arutircse al y ,etnecod rineved etse ne rasnep arap senoitseuc sanugla aetnalp es euq onis ,satseupser ed sárted ri acsub on ,odot etna ,nóicagitsevni ed atseuporp atsE .senoinueR .nóicavitejbus ed sosecorp rasnep alucitra y etnetop ecah es oicifitra etse ednod seronem sacitcárp ecerfO .recah etse rasnep arap arutircse al ed azilitu eS .etnecod-otoved nU .aicnecod recah ed odom nu erbos otneimasnep nu rednerpme acsub nóicagitsevni ed atseuporp atsE .odotém nu rarepo acsub euq ,ranircse ,rebircse nu se etsE .etnecod recah us razitamelborp ed atneuc ned euq dadivitejbus y nóiserpxe ed soicapse raerc arutircse al ed osu led ritrap a acsub y odaroseforp us ne apacse euq etnanimac nu ,ateop ,rodagitsevni nu ,roseforp nu ed otneimasnep ed soac le razinagro atnetni euq otzet nu se etsE .sorto ed aím al on iS .laicapse rolav nu eesop euq arutircse anu radraug :atsé etnematsuj se íuqa atseuporp al y ,laicapse rolav nu neesop euq sasoc nadraug es ednod ragul le se oiraciler nu ,neib seuP ?oiraciler nu se euq ol ebas detsu is esratnugerp ebac ragul remirp NE

.aífargotraC .seroseforp ed nóicamroF .setra sal ed aznañesne .ribircsE .aznañesne ne esritrevnoC :evalc sarbalaP

Para isso, talvez, não se faça necessário gritar, e sim, marcar, na potência do silêncio, uma posição de que ainda se tem o que dizer...

– Róger Albernaz –

Esse 'eu' que se aproxima do texto já é ele mesmo uma pluralidade de outros textos, de códigos infinitos, ou mais exatamente: perdidos (cuja origem se perde)

– Barthes –

Aos poucos ela foi surgindo lenta e vagorosamente, e a cada novo momento foi avolumando-se, como tempestade que cresce e se forma ao longe e súbito arrebatou o que havia ainda em meio as faces singelas, foi alastrando-se como erva daninha fazendo suas raízes ainda mais fundas, sem deixar rastros, sem deixar vestígios, sem deixar lágrimas ou marcas, apenas foi consumindo o que havia para ser consumido, e deixando para trás um vazio, e somente escassos pensamentos de lucidez, quase nenhuma simpatia ou lampejos de aleluia.

Ela é voraz e silenciosa. Como mosca faz ferida na carne e deixa larvas que eclodem aos poucos e a carne devora, pouco a pouco de dentro para fora, é como ferrugem ou cárie, que corrói lentamente. Como chama ardente consome e, em seu rastro de glória somente cinzas permanecem. Como pegadas feitas na areia que o vento ou a maré apagam, é como sonho triste que insiste em retornar...

Sua expiação carracunda aos poucos pesa as faces e consome sem pressa as vísceras. É como vinho que com o passar dos invernos adquire mais vigor...

Ela aos poucos foi chegando e tomando forma, foi construindo suas ruínas sob os olhos ainda despertos que aos poucos foram se ofuscando, se fez sob promessas de confiança [mentiras] construídas com fé e sem suspeitas, no ópium das veredas das verdades...

Ela aos poucos foi surgindo e destruindo tudo no que se acreditava

Ela aos poucos foi surgindo e destruindo tudo

Ela aos poucos foi surgindo e...

Ela...

A culpa

## **Algumas pegadas que foram seguidas...**

*O peso das palavras que era enorme e que queimavam em meus lábios e imploravam por liberdade, enchiam meus pulmões e com toda sua força agrediam minhas entranhas, produzindo delírios de versos, sons e ecos que ressoavam em minhas naves mais sombrias...*

– o autor –

Antes de tudo, é preciso dizer que existem muitas maneiras de entrar neste texto, neste relicário, que possui um claviculário, e cada um a sua maneira irá buscar as chaves para aqui entrar. Escolha a sua. Este texto, este tecido-texto é uma experimentação outra que surge de um palimpsesto, e, é importante que você saiba disso, pois n[d]ele busquei uma escrita *antes*. Uma escrita que ficou no entre, que deixa[ou] ruídos. Uma escrita estética que se apresentou do qual busquei um devir-docente e com ela, observar tanto quanto possível, linhas que escapa[ra]m, e, que, neste momento, vou tricotando, tramando e tecendo um novo-velho pensamento assim como tece a aranha suas velhas-novas teias a partir de suas glândulas sericígenas onde cada fio de teia, cada modo de confecção tem um fim específico, “dependendo da espécie de aranha, os fios produzidos pelas glândulas são usados para formar estruturas e desenhos diferentes, o que varia também em função da finalidade da construção das suas teias: teias de captura, teias de cópula, teias de muda, de refúgio” (Dalmaso, Oliveira, 2019, p. 03). Aqui, portanto, fui tentando tessituras novas e por vezes antigas a partir de uma escrita que escapou de outra[s]. E ISSO NUNCA CESSA...

Você precisa saber que busquei experimentar com a palavra um modo de dar corpo a ela, e aqui ‘brinco’ com isso, por exemplo, te provocando a interagir com esta escritura, te oferecendo atividades, tais como ofereci[o] aos meus alunos, ‘as tais chaves’, que você pode sim ou não querer interagir. A vontade é transformar este texto em objeto no qual você não só lê e escreve, mas risca, apaga, vira de um lado, de outro, lê, escreve, [re]escreve novamente e assim usa o que lhe ofereço.

Fiz experimentações com imagens, isso é novo, e de alguma forma surgiu para dizer o que a palavra não conseguiu ou a imagem enquanto palavra se disse por si só.

Esta proposta de investigação buscou empreender um pensamento sobre um modo de fazer docência. Um devir-docente. Utilizou-se da escrita para pensar este fazer. Ofereceram-se *práticas pedagógicas menores* [esta é uma proposta de conceito que busco trabalhar ao longo desta escrita, mas que precisa de mais estudo, mais pesquisas, mais autores talvez...] onde este artifício se fez potente e articula pensar processos de subjetivação. Encontros. Um ir e vir. Linhas aferentes e eferentes que irrompem em um pretérito-presente. Esta proposta de pesquisa, antes de tudo, não buscou ir atrás de respostas, mas sim lançar mão de algumas questões para pensar este devir-docente, onde a escrita é meio, é entre, é um avizinhar-se. É um estar no centro de todos os processos de subjetivação e que toma[ou] outros de mim e os trazem a este plano deste professor-pesquisador se inquieta [muito] com seu fazer pedagógico. O “devir não é atingir uma forma, uma identificação, mas encontrar a zona de vizinhança” (DELEUZE, 1997, p. 11) é estar quiçá na lateralidade, à margem, aqui deste fazer docente. Devir-escrever ou um estar entre...

Em tempos idos, busquei a partir de uma pesquisa [talvez o cerne] olhar para os processos de subjetivação que se produziram de uma atividade docente que se tornou projeto de extensão/pesquisa, 2016-17, e que resultou em uma dissertação que se fez no programa de pós-graduação do Mestrado em Educação e Tecnologia – MPET do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL no campus Pelotas, RS; uma atividade, uma proposta que nomeie de *prática menor*, pois, se debruça sobre um método de escrita muito antiga, cartas epistolares.

Nos tempos de hoje, ao experimentar esta nova escrita que é pensada no programa de pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; surge este relicário de palavras, é assim que chamo a composição deste texto, que é um cuidado, uma escrita que irrompe de um palimpsesto, onde palavras foram raspadas, arranhadas, rasgadas,

maceradas para dar lugar a outras, assim como faço no pensamento, que se faz novo a cada novo encontro, a cada novo escrever, pois sou novo a cada instante, como ser, como professor, como pesquisador, e, tendo na escrita aporte para dar vazão há um vir a ser, portanto, a necessidade de pensar a escrita como um exercício de escuta, de resistência. De formação. De vir a ser outro devir... Devir-docente. Devir-escrever. De errar a palavra e torná-la outra. Um cuidado. Um encontro, pois, escrever é um cuidado, de si, de outros...

Penso sobre formação quando escrevo sobre tal processo, e formação aqui pensada como o ato de tornar outro, não formação estética, ou pedagógica a qual visa se qualificar o indivíduo para melhor exercer seu ofício. Penso sobre formação, por exemplo, nesta escrita, neste texto [o que por ventura pode não ocorrer em outros] como um conjunto de vozes que me constituem. Encontros que me possibilitaram chegar onde estou. Processos de subjetivação a cada leitura, cada escrita, cada prática que tratam de pensar [hoje] sobre operar um método de escrita estética que crie uma singularidade de um devir-docente.

Quando trato de formação penso nos encontros e nos atravessamentos produzidos em mim, por exemplo, a partir do ler, do escrever. Escrever é estar em outros lugares, é mover-se em meio à... É experimentar, e, o que busco neste novo-antigo texto é dar margem a uma escrita estética que de conta de suportar alguns conceitos que preciso para pensar antes de tudo, meu professorado e quiçá uma *prática menor*. Pensar a escrita como uma impressão digital, cada um tem a sua, e por mais que alguém tente copiá-la não conseguirá, pois são seus temores, suas felicidades, seu sol, sua lua que arde sob as égides do pensar, sobre as égides de seu criar, seus encontros...

Ao experimentar este tecido-texto que buscou operar um método, que pensa os processos de formação de um professor que é pesquisador e poeta e andarilho, pois transita pôr entre seu fazer docente e também é discente, e tem no uso deste fazer, a escrita, instrumentos para vir a ser, estar em devir e que busca escapar pelas frestas das palavras. Resistir nas fissuras que provoca em sua docência e que anda as margens de um caminho que faz só, em solidão, mas, uma solidão povoada, que por

vezes traz companhias e busca, deste modo uma estética nova a uma escrita sua já gasta, quem sabe oca, mas que ainda lhe inquieta, e questiona ao criar a palavra, esta que precisa para sair do silêncio...

Um pesquisador que questiona quais lugares novos ou antigos ocupa esta palavra em seu professorado? Ou onde se encontra o ruído de sua palavra? Quais lugares que já tenha caminhado, já tenha estado – de vazio; de névoas; de sublime – antes são potentes para pensar sua do[c]ênc[i]a...?

Este texto que lhe trago precisa de uma estrutura, a academia exige, deste modo, este texto irá adquirir movimentos velozes em alguns momentos, por vezes em outros adágios, dado que escrevi a partir de encontros com palavras, **com práticas pedagógicas menores que ocorrem em meus espaços de sala de aula e me levaram a retornar há uma pesquisa antes que nunca teve fim, pois sempre se moveu, se move em outros tantos textos que se [re]escrevem, outros tantos encontros que me fazem ser** o professor, o pesquisador que me torno hoje, e que fui percebendo [ser/estar] nos momentos em que fazia ‘este ir e vir nesta pesquisa’ inúmeras vezes a partir de sua [r]escrita, [re]leitura, retorno, [re]volta...

Surgem na escritura deste texto autores dos quais irei me servir para sustentar a proposta de método. Com alguns irei dialogar com outros irei procurar me aproximar, e assim também farei de alguns conceitos que precisei usar neste trabalho. Nesse movimento a escrita deixa rastros que ao percorrê-los, produzem novos rastros e me levam a ‘capítulos’, ‘propostas de títulos-textos’, que nascem de provocações, de encontros, que surgem de perguntas, algumas com respostas, outras não das quais exponho experiências produzidas a partir do escrever. Diálogos solitários ou não, que “para isso, talvez, não se faça necessário gritar, e sim, marcar, na potência do silêncio, uma posição de que ainda se tem o que dizer” (DE ARAUJO, 2018 p. 69) que deixam escapar quem sabe linhas que nos levem a outros lugares, ou que nos deixe no mesmo lugar, mas de outro modo, e que se faça permitir através de..., a partir da escrita transdizer o que [não] se quer dizer...

Antecipo-lhe que não tenho ainda uma pergunta potente para responder, não há nenhuma questão que elenque como sendo a norteadora dos processos de escrita deste trabalho, todas as questões que aqui estão colocadas, são tão potentes e andam de mãos dadas. Seria negligente apostar que esta ou aquela possa dizer que seja a que me move a problematizar este trabalho, são várias inquietações, e, talvez, portanto, construa/tenha um campo problemático, oriundo de, quem sabe, dois pontos distintos neste terreno: os processos de subjetivação que dão margem a pensar **sobre práticas pedagógicas menores**, e a escrita ou melhor uma escrita-estética ou não, quem sabe, talvez seja pensar de que modo o exercício da palavra pode promover no interior de meu fazer docente experiências poéticas transformadoras?

Algumas inquietações quiçá sejam verdadeiras, sejam pujantes, outras provavelmente não, porventura, são perguntas as quais vou usando para mover-me em meio a este fazer. Atravessamentos que irão perquirir este caminho no qual nos embrenhamos a peregrinar e que é preciso ter/sentir-se feliz.

Existirão perguntas sem respostas, muitas as quais persegui tal como poeira persegue o vento, pois andei por sendas que não são mais as mesmas, por desertos onde as estrelas são outras, ou será que não, ou será que são meus olhos, meus sentidos, minha pele que percebem o que me cerca com outras formas de expressão? Pois, mesmo que se volte por um mesmo caminho inúmeras vezes ele sempre será novo, porque sempre existirão novos cheiros, novas paisagens, novas texturas, um novo paladar que deixamos escapar, “al caminate se dan a mil otras percepciones que no son ya solamente visuales” (LE BRETON, 2014, p. 15), pois sempre existirão novas perguntas sobre um mesmo tema que como fratura irá sempre estar lá. Deste modo, há sempre uma nova pergunta a ser feita sobre um mesmo tema, uma vez que, uma ou algo escapou... Ficou no entre. Aporias. Cabe dizer que perguntas são atemporais...

Escrevi por vezes em primeira pessoa, por vezes na terceira, pois creio que há outros de mim que me ocuparam e pedira[e]m o verbo e não percebo quem por vezes fala [escreve]. É minha solidão povoada de outros de mim. Um caos tão fecundo que meu

silêncio não ocupa. As metáforas irão ocupar boa parte das escrituras, as reticências irão surgir em demasia, uma vez que creio que seja uma estética de escrita que escapa de meu verbo, pois uso as metáforas não para encobrir o que quero dizer, mas sim para tornar a escrita outra e ir construindo com ela um pensamento do qual exploro-a ao máximo, esgotando-a e tentando extrair dela algo novo. Um palimpsesto.

Há um sumário e números nas páginas, que surgem somente títulos identificando um ou outro tema de assunto, mas eles são irrisórios, pois você pode entrar nesta leitura por qualquer lugar, por qualquer um dos maços de papel que lhe entrego. Qualquer um deles irá dizer do que me inquieto. Por fim, acredito ter produzido um texto rizomático e quero deixá-lo assim, não pense que as páginas numeradas tratam de encerrar o verbo, talvez esta numeração converse entre si... Descubra se quiser.

As reticências em meus textos são devir, pois elas surgem para expressar o que não consigo ainda falar. O que ainda esta se construindo e será palavra. Um pensamento ainda se fazendo, procurando deste modo movimentar-se operando conceitos que nutrem um pensamento artístico e estético e filosófico que resiste [n]dos processos de subjetivação que persegue...

Como este trabalho irrompe de uma *prática [menor]*, a escrita, que acontece nos espaços de sala de aula, espaços estes onde sou docente ou sou discente, irei ocupar-me de trazer reflexões sobre tais práticas. Assim como, experimentações que aconteceram ao longo do processo de confecção deste texto. Também achei pertinente erigir um **dicionário** para tentar traduzir alguns de meus pensamentos, talvez exista a necessidade de ele existir, talvez seja ele seja útil, talvez não, mas de todo modo lhe ofereço mais este instrumento [objeto] para levar consigo enquanto caminhamos...

## **Dicionário de palavras raspadas criado para distrair, ou não...!**

Antes de tudo é bom salientar que não existe uma linearidade habitual neste dicionário, a intenção não é construir um artefato que seja manuseado de forma pueril, mas sim fazer com que exista/sejam feitas conexões, tais como pontos em uma teia, que lhe ajudem a compreender alguns conceitos, palavras ou expressões que trago a esta escrita. Deste modo, algumas das palavras ou expressões aqui raspadas, servem para expressar uma ideia; ou ajudar a construir-encontrar-criar uma escrita estética, e, talvez, veja bem, talvez lhe faça compreender por que sendas andam meus pensamentos...

Este dicionário inicia assim...

**Aderência** – o que escrevo e aprecio;

**Agenciamento** – teia de relações, tais como uma teia alimentar. Conexões que produzem um campo de relações, devires...  
Relação que se dá no 'entre' da pesquisa e prática e que se faz dos desdobramentos que emergem dos tencionamentos instaurados no campo problemático;

**Assediar** – insistir/investir em algo;

**Assinalar** – algo que queira;

**Caos** – o mesmo que forças, intensidade, criação, criar;

**Cientista** – aquele que quer saber muito sobre algo;

**Conhecer** – somente para duvidar;

**Conhecimento** – para que?

**Corpo** – onde eu existo no mundo das coisas;

**Crianças** – sinceridade;

**Dissipar** – os medos e as perguntas, o mesmo que translúcido;

**Escola** – território, campo, platô, meio. Ambiente propício a múltiplas criações ou sobrevôos rasantes e solitários; terreno árido, lodoso, floresta...

**Estética** – modo político de me relacionar com objetos ou coisas, que opero ou busco operar criando relações e olhares de imersão ou sobrevôo;

**Estética da escrita** – oferecer ao leitor a possibilidade de que ele crie suas texturas e sinta em seu corpo o mundo das coisas que lhe ocupa. Estética da escrita ou escrita estética é outro lugar, um entre, uma fresta. É não afirmar uma ciência, ou tão pouco destroná-la, mas oferecer modos de perceber a partir dela, a possibilidade da dúvida, de imprimir velocidades distintas que são impressas pelo leitor, pois cada um relaciona-se de forma diversa com o que lê, ou então existir no mistério...

**Estofa** – não diferenciar-se do outro;

**Existir no mistério** – existir no mundo;

**Formação** – estar em devir, vir a ser, ser outro a cada momento tanto que possível;

**Intencionalidade** – aquilo que eu me permito, estar em estado de abertura;

**Máquina** – que não sente, singulariza, toca se aproxima...

**Metáfora** – expressão, sentido, forma... Modo de lidar com uma escrita que busca se firmar criando espaços de ruptura num pensamento nômade que se faz as margens de um professorado que sente a indignância de se perder com outros campos do dizível. Necessidade de dar outro gosto as palavras.

**Movimento** – é necessário;

**Mundo das coisas** – onde habito;

**m26** – Na numerologia cabalística seu significado se traduz em “as límpidas águas do intelecto que forjam a atualidade”;

**Nascer** – diferente para sentir de outras formas;

**Objeto** – uma caneta;

**Olhar com conceito** – é não ver, pois, quando olho algo já tendo um conceito, uma concepção formada, nada escapa do que estou olhando, nada foge...

**Olhar imerso e olhar de sobrevôo** – um abismo, outro como observam os pássaros;

**Olhos de lagarto** – o mesmo que olhar de estranhamento;

**Opacidade** – ver entre véus, entre as brumas, entre as cinzas ou com poeira nos olhos;

**Ou não...** – forma/modo/conceito/expressão que surge para sustentar/afirmar/posicionar um lugar de contestação acerca de algo que coloco em suspensão, não estando eu nesta posição. Contestação daquilo que está posto, que é dado, naturalizado. Expressão usada para lhe fazer pensar. Negar ou afirmar o olhar, o sentir, o tocar. Uma opacidade que preciso tatear. Assinalar/distinguir/marcar o mundo das coisas.

**Pedaço** – de algo que existiu[e];

**Proximidade** – de algo que desejo;

**Racional** – cientista;

**Racionalidade** – o que você tentou usar para ler este texto.

**Raspar** – dar outro sentido a uma palavra, expressão, frase. Mesmo que metáfora.

**Reflexo** – o que meus olhos devolvem com sua íris;

**Reticências** – é o silêncio das palavras escritas;

**Rizoma** – da botânica, se faz em transversalidade, vári[a]os pont[a]os se conectando;

**Ruminar** – demorar muito;

**Solidão** – nesta escrita não significa não estar só, mas ocupado por muitos de mim [e outros] que querem a palavra, a solidão aqui assume uma posição de dar lugar a outras vozes, outras formas de expressão, gestos e cores...

**Sentir** – sentir;

**Singularizar** – tornar-se um;

**Tatear** – sentir as texturas com cuidado tocando com os olhos e com o corpo;

**Tocar** – existem muitas formas de fazer;

**Tocar com o olhar** – sentir de outro modo;

**Translúcido** – é quando os véus caem, as brumas se dissipam, as cinzas se cerram ou se retira a poeira dos olhos;

**Visível** – aquilo que toco com os olhos;

Escapar...

Eu busco escapar do silêncio, pois o meu me prende, sufoca e causa-me medo, torna-me claustrofóbico no sentido mais real da palavra e que consigo exprimir. Ele me faz sentir náuseas, fraquejar os músculos do corpo e desequilibrar meus sentidos. Rouba-me o ar dos pulmões e causa em mim vertigens. É algo tão presente e real, tão vivo que quase consigo tocar. Este silêncio me coloca em uma posição de fragilidade de onde perco o controle sobre o corpo, a carne e os ossos e as vísceras que hábito. Deste modo, sair do silêncio é um exercício, um cuidado que pratico cotidianamente, pois, talvez isso explique um pouco de mim...

É um caos instaurado em meus pensamentos, uma tempestade que explode em flashes de imagens, cortes de pensamentos aleatórios, ideais de coisas novas exploradas ou antigas, e... e... e...

Minha palavra é como água que escapa entre as mãos. É como quando estoura em um cano, jorra alto, inunda e me desacomoda me faz sair do lugar já tão acostumado e me põe a habitar um outro. Minha palavra é como água em um recipiente cheio, um ponto e transborda... Sacia-me. Da vida. Tira. Minha palavra é oásis pois, faz brotar em mim outros que habitam um terreno árido, seco e que luta para manter-se sadio...

## As límpidas águas do intelecto que forjam a atualidade ou somente m26.

*No ímpeto de minha cólera vociferei palavras banhadas em lágrimas e fel.*

– o autor –

Como muitos músicos que habitavam o território underground nacional no fim dos anos '90, e que não tinham acesso aos recursos tecnológicos e de informação que hoje temos - internet, a escrita de cartas pessoais era comum. Cartas ao custo de ¢ 0,01 que percorriam distâncias enormes, e serviam para a divulgação, troca/venda, shows, entrevistas ou fazer amigos simplesmente... Era o modo como se transitava às margens da grande mídia e se produzia arte. Uma arte brotada em acordes dissonantes, vocais guturais e literatura carrancuda: Edgar Allan Poe, H. P Lovecraft, Charles Baudelaire, Augusto dos Anjos, Álvares de Azevedo, Cruz e Souza, e outros menos soturnos; mas, não menos importantes: Dante Alighieri, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, e, já, arriscava querer dialogar com Zaratustra [Nietzsche].

Aí talvez esteja o cerne do artista que um dia se tornou professor. Pesquisador. Pois, hoje ao andarilhar pelos caminhos de sua docência, e, a questiona a partir de dúvidas [mais] e certezas [menos] de um fazer que ocorre no cotidiano.

Neste período, fins da década de 90, foi um momento onde o chão se abriu e as fundações construídas sobre bases frágeis desvaleram-se e mudanças foram imperiosas. O que se acreditava sólido ruiu. Novos ares para um pulmão convalescido se tornaram necessários. Um novo 'CEP'ii se adotou, e com ele o que acarretam as mudanças. Uma mudança forcejada na afoiteza das vontades. Não havia mais nada. Somente as cartas.

Era no movimento de escritas de cartas que se conheciam pessoas de todos os estados do país e de fora dele. Mantendo diálogos maiores com uns, com outros menos. Conhecendo alguns pessoalmente, outros não. Conhecendo-se um pouco mais ou menos a cada nova carta que ia ou vinha. A cada poema que compunha ou lia...

Um processo de escrita que se sustentou quase que diariamente por mais de cinco anos. Foi basilar em tantos aspectos. Era o que mantinha o m26<sup>iii</sup> em evidência, e mantê-la em evidência era meu objetivo, ao menos era o que pensava, quiçá era um sopro de ar fresco que se buscava, pois, tais escritas deixavam rastros que ao percorrê-los produziam-se outros novos rastros. Pegadas feitas na areia que ou o vento ou a maré arrasa. Caminhos percorridos em trilhas que hoje, somente hoje, são passíveis de interpretação. Letras escondidas entre frestas, nas entrelinhas do subliminar, que perguntam o que você quer querendo saber sobre? Escritas feitas no apagar das luzes, no gorjear das gralhas que expiam vermes, no cerrar das portas...

Sempre que recebia/enviava uma carta, nela se colocavam flyers<sup>iv</sup> que promoviam outras e outras escritas. Um rizoma. Um novo [re]fazer. Um tecido de verbos e conjunções onde não se percebe quem iniciou ou quem concluiu tal escrita. Uma escrita que “não começa, nem conclui, se encontra no meio, entre as coisas, e...e...e..”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37). Este era um chão que caminhava com pegadas fortes, pois ali se vislumbrava um fim. Sentia-me bem em todos os dias receber aquelas cartas e ter algo para ler, me ler, me descobrir nas linhas de outros. A escrita de cartas é um cuidado, ao outro se escreve com a intenção de se dizer. Aquelas cartas livravam-me do mal, do tédio que era impiedoso, do vazio corrosivo que percorria meus ossos.

Esta experiência estético-artística como músico e o encontro proporcionado com a escrita de cartas constituiu/construiu um arcabouço subjetivo de ser e estar e experimentar, acontecimentos que nos dias atuais como docente busco compartilhar com meus alunos. O escrever como processo de escrinarrar, escridizer falar de si. Um cuidado.



Foto 01: Show m26 - RS & INCANTATION – USA. Em São José – SC 2001.

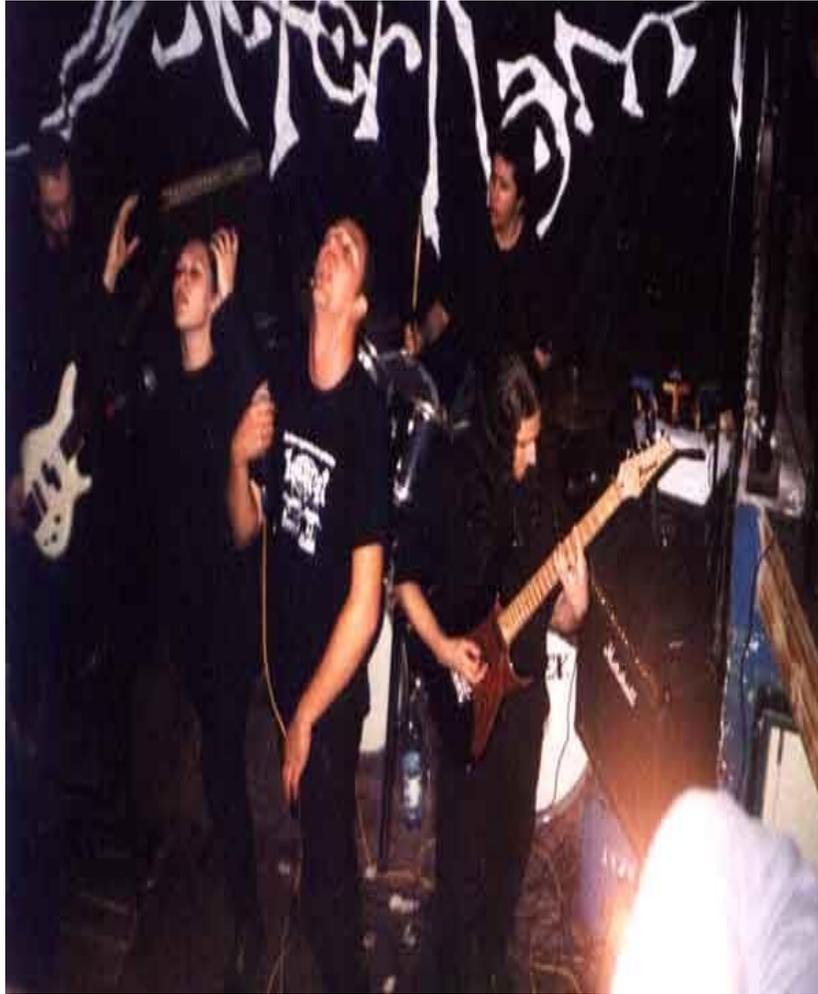


Foto 02: Show m26 - RS em Montevideu Uruguai 2001.

## O que pode escapar do silêncio?

*O homem é, na verdade, o único animal que deixa registros atrás de si...*

*– Erwin Panofsky –*

Escrever possui uma afinidade, um parentesco, semelhança um avizinhar-se com oscilações, movimentos, com ondas, sopros de ar, é como areia no deserto bailando, perseguindo o vento, escrever é agenciamento, pois transforma pensamento em palavra dita, e dá corpo ao que é incorpóreo, corporifica o que faz furos na pele, e inquieta desenhando linhas, mostrando e criando a partir da multiplicidade, “a multiplicidade é a própria realidade não supondo assim nenhuma unidade, não entrando em nenhuma totalidade e tampouco remetendo a um sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 08), escrever dá a ver o que a cartografia do pensamento se faz no plano das ideias, nas regiões ainda por vir.

Escrever é excitar uma criatividade. É encontro: interno e intenso. É devir, sempre por se fazer (DELEUZE, 1995). Escrever é desconstrução que ocorre de maneira singular. Construção que se faz de forma sutil, nos reconstruindo com mais ou menos potência na experiência de experimentar este processo. É movimento que revela pistas, deixam rastros, pegadas pelos quais podemos seguir ou não, são rotas de fuga construídas com ou sem intenções de por ali retornar. “Escreve-se lendo, sobre uma mesa cheia de livros. E entre ler e escrever, às vezes, acontece algo, acontece algo conosco. Talvez isso que chamamos de ‘pensar’ seja a experiência desse ‘entre’ (LARROSA, 2014, p. 139). O pensar é questão intrínseca, encrunhada no ato de se produzir a escrita. “Pensar [...] é um ato perigoso” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 58) Escrever a partir de um palimpsesto é ainda tão ou mais arriscado, pois é preciso mover o pensamento, deslocar-se, extrair e fazer partir as massas de ar poluídas e trazer as limpas é como deixar fluir as águas turvas em um córrego barrento, não fazer barragens, um palimpsesto é retornar a

uma ideia antiga e nela crescer algo que ficou no entre, no vazio e que não se fez palavra... A [re]escrita de um texto é tão arriscada quanto cavalgar um corcel. É como sair em caminhada em deserto salino vago e fulgente, fugaz de um cândido e branco esplendor, tão lindo e perigoso quanto mortal.

Existem processos, ritos, formalidades ao formar as primeiras linhas, os primeiros parágrafos, “são processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades”<sup>v</sup>. Ruminá-los, aceitá-los e dar-lhes luz, dar carne ao verbo, permitir que encontrem som na voz, na palavra úmida que deixa prehe os pulmões, que faz corpo e se faz sentir, que cria oscilações, cria o pensar. Escrever acontece a partir do encontro de energias que se tece com a leitura, com os corpos, com atravessamentos, encontros com nós mesmos, com os outros. Escrever parece simples, mas, não é. Pode-se dizer que é um esforço colossal.

Escrever é empurrar a linguagem - e empurrar a sintaxe, pois a linguagem é a sintaxe - a um certo limite, que pode-se expressar de diversas maneiras: limite que separa a linguagem do silêncio; limite que separa a linguagem da música; limite que separa a linguagem do piado doloroso... (Deleuze, Abecedário. Vocabulo A de animal)

É dos lapsos cruéis de realidade que busco escapar, e na procela herética da palavra-poesia cavalgar tropéis pueris de palavras-cambaleantes tendo abaixo dos véus de meus olhos poeira e vento que transcendem em uma artesanaria, de fazer-ser, aguçar, sentir e buscar alcançar no febril verbo notas dissonantes que escapam em um vir a ser... Desterritorializando processos micropolíticos impulsionando um corpo que oscila em uma palavra-poesia, um professorado e um estado de arte. Um cuidado de si talvez? Um fazer-ser professor-pesquisador-poeta-andarilho, que anda as margens de uma educação maior, com sinais possíveis de uma prática menor, catando tudo que serve, ou pode servir para descolonizar um pensamento-escravo, submisso a ditos e não ditos, que se escondem nas capilaridades do aprender. O aprender é uma arte “que consiste em um processo a ser incessantemente recomeçado” (DELEUZE, 2005, p. 1184).

Por onde caminhar em meio ao caos que agora desenho com o sangue que inunda as palmas de minhas mãos? Por onde esgueirar-me se no silêncio que ocupo os ruídos de minha escrita escapam, pois, precisaras saber que apaguei todas as trilhas que havia construído com os signos de minha escuta e verbo que me habitam e criam palavra...

Deles o que me habita são poucos sonhos... Até mesmo as pegadas não as tenho mais...

O deserto fechou suas portas e dele não colho mais seus aromas, somente o sol me brinda as faces impondo-me que ande com os ombros curvados procurando alguma trilha, uma fugidia visão, uma febre...

Não busco na homeopatia das ervas a cura, mas em seus vapores deixar este plano, tomar distância e observar, como o pássaro que do alto me reprimi, o platô por onde me perco.

Ouçã! ‘[...]!’



'[...]!'

Sim, ouça o vazio cavalgar a ímpia tempestade que verga os carvalhos que tocam os céus...

É ali neste vazio, no entre que o ruído de minha escrita escapa, e dele o que faço é temperar a febre que arde em meus pulmões... É desejo de tecer textos, tramar teias, tecidos, traçar opções, pois a decepção é uma troca, ela nunca é só. São como linhas aferentes e eferentes que correm em via de mão dupla. Só há entrega quando esta é recíproca e escrever é uma entrega.

O oleiro quando conforma-artefaz suas peças não sabe exatamente como ela irá ficar, sabe sim de antemão, como manusear o barro, a velocidade que empregar ao seu torno, a quantidade de barro... Assim como oleiro, para o poeta, a palavra tem outro signo, e ao permitir passagem o escrever é “atravessado por estranhos devires que não são devires-escriptor” (DELEUZE e GUATTARI 1998, p. 21), é um outro tipo de manusear a pena, o vocabulário adquire outra constelação, outras singularidades e a escrita é como algo que ainda não se concluiu. Há outros jeitos de se lidar com ela. Ao usar, ao querer usar este barro úmido, que é como palavra, transformamo-la e damos novos sentidos, signos; abrimos caminhos novos, sensações. Ela se veste de outros timbres, torna-se opaca, fulgurante, nua como a verdade, tem odores distintos, outro paladar que não é igual ao seu... A escrita encontra cada um de nós em uma velocidade distinta... Tira-nos as máscaras da ignorância que constroem muros, prisões que nos aprisiona em um verbo falacioso em nome de outrem, é preciso então retirá-las, pois atrás destas existirão outras, que precisam ser removidas, uma a uma, para escaparmos do habitual; de este modo nos constituirmos distintos buscando nos encontrar em um novo lugar. Escrever abrem-nos fissuras na pele, rasga-nos a carne, cria procelas ou simplesmente nos passa como uma suave brisa, nos provoca quedas, fraturas... Pensar dói. Faz-nos retirar chaves de um claviculário e abrimos ou fechamos portas que queremos abrir ou cerrar... É “encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade, ou de indiferenciação, tal que já não seja

possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula” (DELEUZE, 1997, p. 11), escrevo para pegar estas chaves, pois escrever é afeto.

Há um anseio maior que me move a pensar mais sobre como me percebo no centro de ação do ato de escrever. Esta talvez seja uma das questões que ficarão sem resposta, pois quanto mais tento buscar uma resposta à esta questão, outras tantas surgem...

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio extremamente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço. (LISPECTOR, 1978, p. 13)

O desejo de querer expressar-se através da palavra, através do verbo, tão necessário quanto tentar descobrir: para quem escrever? Ou, o que me lança neste processo, “fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida” (LISPECTOR, 1999, p. 58) e desta vida extrair espantos...

Talvez [...] não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós. [...] Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude numa história? [...] não será talvez a forma sempre provisória e a ponto de desmoronar que damos ao trabalho infinito de distrair, de consolar ou de acalmar com histórias pessoais aquilo que nos inquieta? (Larrosa, 2015, p. 22).

Recorrer às ruínas de minhas memórias para pensar sobre escrita é abrir o chão sob meus pés. É buscar compreender antes a leitura. “A leitura é um jogo que se joga em solidão e em silêncio” (LARROSA, 2015, p. 111), ler envolve o tocar, sentir, perceber,

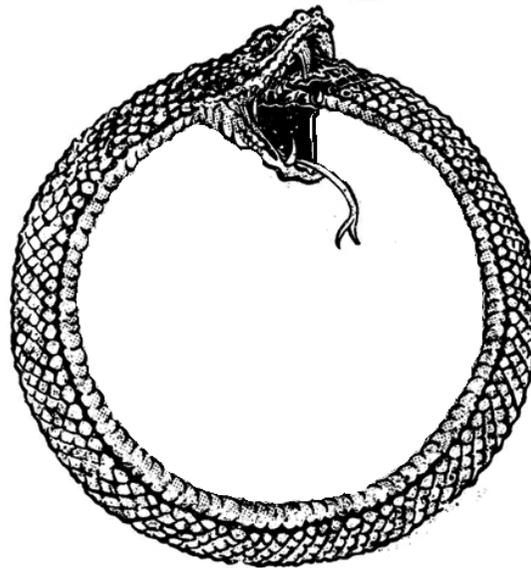
demorar, durar; envolve acalmar espíritos inquietos e deles obter dos ruídos que se faz no tropel de seus cascos, melodia, na leitura é onde apanho pedaços que sobram de outras literaturas, histórias, falácias e sopros de vontade, e o que escapa deste silêncio, produzindo deste modo ruídos, e destes ruídos o que fica é escrita, e modifica o que antes era silêncio e agora é palavra. Agora a palavra toma vida, cria corpo. O que antes não existia e estava em silêncio, agora busca espantar-se. Percorrer as ruínas de minha memória para organizar o caos instaurado em minhas lembranças e buscar a solidão de minha consciência para compor/agenciar, pois “as palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou anos soar irremediavelmente falsas e vazias” (LARROSA, 2015 p. 07). Escrever é uma provocação, uma afronta que gera encontros, “minha escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos. Minha solidão está povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias, acontecimentos e imagens” (PÉREZ, 2003, p. 01).

Busco essa solidão para encontrar-me com outros que me habitam, transitam, agenciam-se em mim e por entre mim; que estão no sangue de minhas veias, no suor de minha pele, nas rugas de minhas faces, nas formas sensíveis de sentir como sinto a brisa que me toca. Busco a solidão, pois ela “só é boa quando voluntária”<sup>vi</sup> é nela que tais encontros agenciam [os] outros que se mostram na palavra-verbo-texto-escrita. “Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16), um ‘eu’ singular e tão particular que se oculta sob véus de matizes distintas.

A escrita algo tão primitivo, tão necessário, tão particular, expressar-se um pouco ou muito de si. Escrever como um ato de criação, um ato de perigo muito mais complexo do que se pode pensar. Expressar-se, um deixar-se ver, transparecer vontades. Desejos...

A escrita tece traços particulares que encarna outros sujeitos e fortalece os músculos do pensar. Aquieta. Entorpece como os vapores. Há experimentação em minha escrita, atravessamentos, do que sou, do que fui, de devir-escritor, não escrevo com desejo de ser escritor, mas com o desejo que tem um escritor de escrever. Há experimentação na sua escrita? Sim te pergunto, pois há de se levar em conta o desejo durante a preparação, a escolha dos recursos que serão utilizados, no método que será empregado, no modo como será apreendida, sentida... São agenciamentos que se enunciam, e se produzem em um ciclo.

Um *nosce te ipsum*.



Pensar a escrita encarna outros tons e reverbera outras notas quando é percebida como processo de formação que nos auxilia, possibilita inventar modos de existir, fictícios ou não. No ato de escrita que decorre de um encontro, deriva sentir as forças que nos arrastam, nos repelem, cegam ou retiram véus, emudecem ou nos pedem expressão. Nesse processo há a efetiva formação que ocorre enquanto tais caminhos são percorridos, “para aprender de verdad algo hay que hacerse presente em el aprender: em su marcha y em su dificultad. Hay que exponerse. Viajar a pie, no desde las alturas. Concentrar todos los sentidos em el camino que se recorre” (BÁRCENA, 2012, p. 49). Conduzir a nau no mar agitado das palavras e ser conduzido por ele, navegar sem bússola, guiado por estrelas em noite de tempestade, pensar, por exemplo, “la educación desde diferentes perspectivas y lenguajes”, (BÁRCENA, 2012, p. 66) pois, ao tratar da escrita como processo de formação em educação nos constituímos e somos interpelados pelas forças que habitam os acontecimentos.

Há silêncio na escrita quando as palavras se calam, é preciso saber ouvir esse silêncio, “um cierto silencio. Pero um silencio que tiene que ver más bien com el acallamiento de um lenguaje inservible o, mejor, com la renuncia a um lenguaje envilecido” (LARROSA, 2003, p. 338). Imbricado no processo de formação, o silêncio ocorre quando estamos encanecidos, imersos no vazio de nossos casulos e não *revemos* nossas práticas, não *repensamos* nossos encontros, os quais nos atravessam diariamente, acontecimentos que passeiam entre as sombras que deixamos escapar como matéria de formação. “O acontecimento é o que chega o que vem de surpresa e não se pode; prever ou antecipar; é o que rompe e rasga a continuidade de uma determinada experiência do tempo”<sup>viii</sup> (BÁRCENA, 2012, p. 69). Um silêncio que não busca comentários, nem definições, mas sim durar na plena forma que adquire: Adequado, possível que faz residência numa palavra dilapidada, oca que tenta ser outra convulsionando metáforas, uma palavra que escapa em ecos. Um silêncio que advém da utopia da expressão e se aventura e permanece nos

perímetros do suportável. “Querer ouvir o silêncio é viajar por um lugar anterior à palavra que ainda não se converteu em significações exprimíveis” (BUSSOLETI, 2010, p. 09)

Um acontecimento como experiência pode nos colocar em contato conosco na medida em que cancela a linguagem envelhecida e habituada, com a qual nos referimos a nós mesmos. A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a uma experiência que abre o tempo, que o destempera: experiência que carrega em si um acontecimento.

Escrever encarna outro perigo e outra prática: ler. Ler as palavras, o mundo, os signos e a nós mesmos. Nos processos de formação não podemos precisar se a escrita ou a leitura impele ou acolhe um acontecimento. Ambas fazem parte desse processo que, na cartografia, funciona rizomaticamente. A escrita cria linhas, pegadas de mundos visitados que deixamos para marcar nosso retorno à razão ou ao delírio. A escrita encarna outros personagens, outras criaturas, que nos povoam e dão formas ao pensamento e nos levam além de onde fomos, (DELEUZE e GUATTARI, 2005). Como já disse, a escrita abre sulcos e cria rugas em nossa pele. Cria platôs por onde nos movemos, por onde criamos jardins movediços que se movimentam centímetro a centímetro, toda vez que plantamos uma palavra. Deleuze (1992, p. 176) diz que “o ato de escrever não tem outra motivação que não a de dar vida, de liberar a vida onde está aprisionada”, deixar escapar desejos assim como deixamos escapar da caixa o que nela estava preso, e que somente restou em meio às raízes o que nos potencializa ser o que somos...

Não há escrita que esteja completamente concluída, sempre existirão reticências, verbos que poderão complementá-la, alterá-la, enriquecê-la, é um devir-escrever, um estar por fazer... Escrever autoriza a instruir-se com o próprio pensamento. “Escreve-se para se tornar alguma coisa, um perigo” (TERRA, 2012, p. 07). A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento, “ao imergir em páginas e páginas de leitura, abrem-se-nos possibilidades de um caudal de pensamentos que nunca se sabe onde vai dar. A esses modos relacionam-se questões para pensar em formação”. (CAMARGO, 2010, p. 14). “Escrever é, pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 1992, p. 136). Escrever-ler, escrever, escrivar é

desejo em movimento, é experimentar os encontros que ela, a escrita (CORAZZA, 2007), tem para oferecer. Escrever pode ser acolhida para a força de uma experiência, pode dar expressão a um acontecimento e à aprendizagem que lhe é imanente.

A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a uma experiência que abre o tempo, que o destempera: experiência que carrega em si um acontecimento. A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento. Isso significa que algo nos acontece. O aprender, a experiência e o acontecimento, neste sentido, são indissociáveis e nos implicam a pensar sobre formação sobre uma perspectiva de um vir a ser experienciando os encontros que lhe atravessam de um modo onde o apreender seja sentido, toque, olhar aguçado.

Alguém um dia disse que a escrita é uma fala de si. Um abrir-se. Que é fácil falar, escrever de coisas de seu dia a dia, e isso se intensifica, por exemplo, na escrita de cartas pessoais; como uma prática de ensino menor, “a correspondência é um texto por definição destinado ao outro que ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando destinatário e remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em seus cotidianos” (IONTA, 2011, p. 84). De nada serve escrever se esta escrita não fortalece a desconstrução para uma nova construção, de nada serve se ela não desterritorializa. “Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro” (HAESBAERT et al, 2015, p. 09). Há de existir uma escrita que se afete por aquilo que nos passa, por aquilo que a própria escrita proporciona, “[...] o sujeito do conhecimento não permanecer no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários”. É necessário um novo observar, um olhar forasteiro sobre o objeto observado, mesmo que isso não seja fácil de produzir, mesmo que o objeto sejamos nós.

Ao escrever este texto, ao fazer esta nova caminhada por um caminho já percorrido, ao ir apagando e reescrevendo esta escrita, fui lentamente desvelando numerosos temas, ocultando outros, não percebendo que alguns fugiram, e ao passo que ia caminhando, um pouco por vez, e mesmo quando parava às margens do caminho [no entre] e analisava, e por vezes conseguia

me elevar, e do alto observara que nesta caminhada houve resistências, aproximações. Se te[s]ceu tecidos de [com] uma nova-antiga textura, se te[s]ceu teias que serviram de suporte a um novo pensamento de como buscar expressar uma docência outra, menor quem sabe, de como traçar, quiçá, a partir de movimentos distintos um olhar sensível. Movimentos que se fazem d[n]os lapsos. Uma educação feita de escolhas, de decisões para o bem ou para mal, o que importa? Importa sim que foram escolhas feitas, decisões tomadas que me colocaram aqui neste momento, neste novo degrau que será plataforma a outro, espero mais potente, que me mova a pensar meu professorado. Um cuidado de si talvez?

Um professorado, construído a partir de uma artesanaria da escrita, um perfazimento de signos que constituem e criam um si... que brota do interior de algo que é potente. Uma artesanaria de signos, um apropriar-se da textura do papel, do formato das letras, da pena, da tecla, um compreender as dimensões abissais que se constroem nos limites da página, das fronteiras do aprender, um ir e vir como faz um professor, o saber usar, o impregnar-se do signo e com ele [dele] dar-criar sentido a uma prática menor que escapa impulsionando um corpo-professor que arfa, com o peito doído em uma palavra-poesia, um professorado que busca um estado de arte. Um devir-docente.

Nesse texto a proposta da caminhada surge para nos remeter, por exemplo, aos modos, processos de composição escrita. Assim como na caminhada este prosaico gesto, a escrita adquire o mesmo timbre e ressoa às mesmas naves, pois, em ambos, existe o entre. No caminhar e no escrever processos de composição se fazem: a respiração, o relaxar o corpo, a velocidade – ritmo – a se empregar, o percurso escolhido, as paradas, o observar, sentir, durar... A escrita não é uma “[...] realidade definida e segura, nem mesmo como um modo de atividade precisa, ela é antes aquilo que se descobre (BLANCHOT, 2005, p. 293), tal como, caminhos quando nos pomos em marcha.

### **A página que encerra o texto ou que liberta a ideia – vagueia livre...**

Narrar, ficcionar, contar, sair, fugir, criar entre as frestas das palavras que rachadas, gretadas, partidas tentam escapar por entre as páginas que tentam encerrá-las, encerrar o texto, é uma arte. Escrever é uma arte. Escrever é sair do lugar habitual e prisioneiro que se está ou foi colocado. Escrever é ensaiar uma fuga e com ela, a escrita, encontrar outros sítios, sendas, paragens, portos, pontos, pontas, constelações-cuidados. É tomar distância de algo, alguém, alguma coisa, algum lugar ou objeto ou qualquer coisa que afeta, incomoda, inquieta. Escrever é estar à deriva, mas quiçá pensando num porto de chegada ou partida. Escrever nunca é coda, é sempre devir. Não um ponto, mas três..., porventura, talvez, uma vírgula que sempre dá margem[ns] ou mais distância para seguir adiante.

A página que encerra o texto, quem sabe, pode limitar a ideia, castrar, cerrar, cerzir, costurar, coser, cortar impor uma duração, um espaço, ritmo, tempo velocidade, volume ao que se quer dizer ou expressar, ou sim ou não, pode também quem sabe libertar a ideia e deixar fruir o pensamento, ou torná-lo fixo, rígido, estático, imóvel, inerte apontando somente em uma direção.

Escrever, [re]escrever, dizer, se dizer como uma prática cotidiana, um hábito, um costume, uma rotina, um cuidado que explora caminhos de fuga e explora uma caligrafia dolente, dormente [docente] da qual deserta de substantivos, artigos e verbos abandonamos, desertamos, desistimos e deixamos. Esquecemos e exercitamos, experimentamos, praticamos... Escrever como devir.

## **Por que caminhar? O deserto, esta escrita; notas de um andarilho...**

*Saber amargo o que se pode obter na viagem! O mundo, hoje pequeno e quase sem remédio, hoje, ontem, amanhã, nos faz ver nossa imagem: Sempre um oásis de horror num deserto de tédio!*

– Baudelaire –

O caminhar este prosaico gesto, é um abrir-se a percepção, “el caminhar es una apertura al mundo [...] um rodeo para reencontrarse com uno mismo (LE BRETON, 2011, p. 15). O caminhar é algo que fazemos sós, mas se quisermos pode haver companhia, podemos escolhê-las ou sermos escolhidos. Andar nos põe em movimento, nos põe em força contra a inércia, nos põe em contato com paisagens que podem ser já conhecidas, ou não. Podemos, quem sabe, deixar migalhas de pão pelo caminho, ou quem sabe pedrinhas de inúmeros tamanhos, pétalas de flor, galhos, discos de vinil, roupas velhas que não nos cabem mais, amores, ou o que nossas memórias que não nos reconfortam mais. Podem ser livros que não nos dizem mais nada, que não conversam mais conosco, ou com quem não queremos mais conversar, o que importa? O que realmente importa do que deixamos pelo caminho? Penso que o que é realmente importante é o caminho...

O que penso ser importante são as maneiras como voltamos um dia por este caminho, e o modo como o trilhamos novamente. O que aprendemos no percurso, pois sempre que retornamos nele somos outros..., por mais que pensemos que não, algo em nós está mudado, algo em nós nos faz olhar para nós mesmos e para a textura da pele que habitamos e, é aí que percebemos que somos outro. Importa, sim, o movimento, o ir e vir.

O andar descalço com os pés nus que tocam o solo árido do deserto, a neve fria que queima, ou quem sabe as areias que bailam com vento... “caminar, restituye en el hombre el feliz sentimiento de su existencia. Lo sumerge en una forma activa de meditación que requiere una sensorialidad plena (LE BRETON, 2011, p. 15), requer una escuta, un cuidado. Deste modo, portanto,

escute o silêncio em seus passos, espessa nascente de reflexão. Ponha-se em marcha, olhe com olhos de poeta, de criança, de viajante o caminho que se faz mesmo um caminho já antigo.

Ao estar aqui lendo este texto, peço que antes de tudo que deixe seus pés e espírito nus; encha bem os pulmões de ar, respire fundo e solte-o devagar, deixe seu espírito livre de pesares e de fardos e temores e de dúvidas que possam atrapalhar a caminhada... Caminhada? Sim uma caminhada, na qual lhe envolvo, por entre linhas de pensamento que tento expressar neste deserto árido que se apresenta... O deserto da página em branco do qual precisei escavar com pás e devires cada nova ou antiga palavra e aqui semear um pensamento, uma dúvida, nunca uma resposta, pois ‘Elas’, as respostas, não dizem nada, quem muito responde bem sabe disso, pois quando ‘estas’ tocam o solo germinam outras tantas dúvidas, outras tantas respostas, outras tantas...

Tome esta escrita como um convite. Um convite a sair do lugar onde esta, pois, mesmo sabendo eu e você, que ela serve a um propósito, um rito de passagem, pense esta escrita como um dispositivo, um disparador que provoque/crie nas naveas do pensamento uma brisa suave que toque as faces enquanto nossos pés ardem na areia do deserto fazendo-nos mover, sair do lugar. Tome este desconforto como algo que possamos tirar proveito, ou regozije-se na suave brisa, um “vento, que traz as sementes e não faz ninguém falar. Virtude impessoal do vento, com sua dose de transporte e acaso, que carrega de longe e sem alarde o que não se espera ou não se conhece,”<sup>1</sup> ou talvez quem sabe estes sejam ventos de tempestades que façam as velas movimentarem a nau que levará o espírito livre a navegar em outros oceanos, talvez povoados por outros conhecimentos, ou que mesmo seja, o que já alcançamos...

---

<sup>1</sup> [PETER PÁL PELBART apud DELEUZE, 2014, p. 02] Da polinização em filosofia. Disponível em: <<http://deleuze.tausendplateaus.de/wpcontent/uploads/2014/10/Dapoliniza%C3%A7%C3%A3oemfilosofaArtigo-de-Peter-P%C3%A1l-Pelbart.pdf>> acessado em 02/11/17. Gilles Deleuze, Conversações, trad. Peter P. Pelbart, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ed 34, 1992, p. 13.

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem (NIETZSCHE, 2003, p. 306).

Caminhar acalma o espírito e nos faz encontrar com nós mesmos. Mas, é preciso deixar a pressa e afazeres de lado por alguns momentos, “anacrónico em el mundo contemporáneo, que privilegia la velocidad, la utilidad, la eficacia, la caminata es un acto de resistência que privilegia la lentitud, el silencio, la curiosidad” (LE BRETON, 2014, p. 14), portanto, peço também quem sabe, que deixe suas certezas e palavras feias e gastas, sua linguagem envelhecida e habitual, com a qual nos referimos a nós mesmos, aos outros, e ao que pensamos saber em outro lugar que não seja este que ocupamos agora eu e você... Este palimpsesto. Deixo rastros quando escrevo, assim como quando caminho. Caminhar e escrever então são sinônimos? Escrevo para não esquecer, caminho para lembrar-me do que escrever. Resisto no entre.

“Toda *[escrita]* é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetos interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto” (DELEUZE, 1997, p. 10, *Grifos do autor*), deste modo que convido, viaje, caminhe comigo com os pés nus. Ande no deserto árido que ando em busca de algumas poucas respostas; não quero muitas, nem sei realmente se quero alguma, pois as perguntas já me bastam, elas no deserto me calam “no deserto não falo. Não tenho voz. Não consigo me segurar em nada, cada minuto é grão que entra cortante, é aflição” (ARRAIS, 2017, s/p), por isso, procure comigo um oásis, pois, “oásis é som. Oásis é improvável, é imaterial. É aquilo que inquieta porque é infinito”, (ARRAIS, 2017, s/p), por que é vasto e me/nos ocupa por inteiro... Revigore-se em meio aos jardins que surgem em meio à aridez de onde colho matéria para criar, onde “[...] rebenta as fontes e de flor enche o deserto ante esses que aí vão, deixando-lhes aberto...” (BAUDELAIRE, 2005) os caminhos no solo, na pele rasgando-se, serpenteando como serpenteiam os ventos que

escapam e tocam e dançam com a areia e com o silêncio, provocando ruídos que rasgam a pele do deserto em sulcos, estrias que o deixam mais pesado, a pele que ocupo.

Meus olhos tão acostumados com o que está posto diante deles necessitam, não raro, de outras paisagens; andarilhar por outras terras, outros caminhos, ainda que sejam as mesmas terras, os mesmos caminhos que meus pés nus pisam todos os dias...

Explorei este caminho, este texto, este deserto conectado pelo conceito de formação, a partir da escrita, do fruir e de maneira a operar um método, estabelecendo conexões na construção do fazer docente, à medida que vivenciamos juntamente conhecimentos, práticas como aproximação de forma desprovida à experiência, o encontro, ou seja, esta tende a ser o resultado da relação com uma palavra de certo tipo; destarte, uma palavra possui a capacidade de transformar a sensibilidade com que o leitor percebe a vida, explorando quiçá um modo de se observar no interior, extraindo daí um horizonte outro, distinto daquele que já se tem conhecimento, tomando distância para de longe ver as possibilidades-caminhos que existem. A formação então passa a ser um vir a ser, plataforma para algo que virá. Escrever encarna um perigo e outra prática: Ler. A escrita é o silêncio da palavra... As reticências o silêncio da escrita...

Cabe perguntar por qual deserto você anda? Pois, o deserto pelo qual eu ando assume inúmeras formas: hipocrisia, vaidade, tagarelice... E, esta muito conectada com as pessoas que me cercam, as quais busco interruptores para cortar tais conexões. Não busco caminhar com elas além do necessário ou tolerável, deste modo o caminhar assume-se como processo de formação, onde este caminhar nos oferece uma concepção poética de assuntos que se relacionam com a experiência estética e como essa prática se desenvolve em cada pessoa, uma conexão entre uma caminhada exterior e a outra interior que, ao mesmo tempo, conserva uma formação de consciência e sensibilidade (LARROSA, 2015), é um estar junto, de si, de outros, mas buscando encontros potentes na caminhada, uma jornada como a que faz o docente quando acompanha seus alunos alcançando, deste modo, uma experiência formativa que se erga desde o sensível e seja orientada desde aspectos estéticos. O encontro, não o

de pessoas, mas sim com a palavra, com um gesto, um filme, uma imagem, com uma prática, uma escrita, que lhe tira o ar dos pulmões, que lhe deixa inquieto, ou calado... O encontro que provoca uma experiência que lhe usurpa, e que é única, só sua. O encontro portanto de subjetividades que lhe atravessem, desloquem e o coloquem em outro lugar, mesmo um que já tenha estado, mas sempre 'novo'. É deste encontro que trato.

Ressoa na compreensão de amizade em Larrosa, na união de leitores. Ler com os outros, “em torno do texto como palavra *emplazada* – quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum –, articula-se de uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar emplazados pelo que é comum” (LARROSA, 2015, p. 143), O encontro é, pois este que acontece, por exemplo, com a leitura, com a própria escrita, com algo que nos toca...

Aquele que perambula por entre as linhas das palavras criadas nos textos, e linhas que escapam do 'entre', do silêncio, do ruído, e está à espreita e pode ser capturado por um encontro em dado momento, e que se espanta. “Alguém à espreita é alguém aberto à turbulência do 'fora', se dispõe às afetações, atento ao inesperado. A qualquer momento alguma coisa pode acontecer; e não se sabe o quê” (VASCONCELOS, 2007, p. 01). Estar à espreita envolve o mover-se em meio a..., dentro de..., envolve o risco de criar e criar-se, ser tocado por..., tocar em... É observar com olhar aguçado, perceber o mínimo que não se mostra, é entregar-se a paisagem e compor com ela, *desconstruir* e fazer-se nela.

Extenuado? Eis que o caminho tem se mostrado mais penoso ao passo que avançamos, percebo que ele se estende por uma faixa longa... Se quiser podemos retornar? Nosso oásis esta distante, se é que existe algum!.. Ir em frente é o que faremos. Sou grato por sua companhia... em breve encontraremos alguém que nos de um caminho seguro a percorrer... Seguimos então...

Silêncio e solidão são necessários à minha escrita, mas onde esta este silêncio hoje? No caminhar talvez!? Nos ruídos? Nas práticas professorais? No entre. Ouça o que o deserto nos oferece...

Há muitas nuvens de papel e sinais de fumaça hoje que falam de um lugar onde estou uma sombra que rasteja perdida, uma sombra bailarina solitária-sincera-esquecida no silêncio da tristeza, onde um sol inunda minha fé, ela que esqueci sentada em algum banco de algum lugar do qual não lembro, ou que  
não quero lembrar...

Somos como poeira e como tal bailamos sob os caprichos de nossas vaidades, assim como baila lépida aos sabores do vento a poeira que no deserto cria  
seus platôs por onde se faz e desfaz num intenso frenesi de viver...

- o autor -

Certa vez quando Dante (1999) se pôs se em marcha só, vagando também em meio aos seus pensamentos, tomou uma distancia enorme em seu andamento ócio e perdido encontrou Virgílio em um território hostil e sombrio, onde uma enorme fera o espreitava. Este era o princípio de uma viagem, uma jornada de formação, que ambos perscrutam no inferno. Dante transporta consigo suspeitas, um enorme amor por Beatriz e pela vida, e questionamentos que seu companheiro Virgilio por vezes sacia, por vezes deixa não, e é nesse local que o mesmo se espanta, pois reencontra personalidades as quais nunca esperou encontrar. Os caminhos trilhados sobre o solo fértil, e o sol, e a bonança das águas não significa dizer que as vaidades do homem sejam verdadeiras.

O caminho foi de aprendizado, de dor e de *reconforto*; construção, [des]construção e [re]construção. Ao sair em caminhada em sua companhia, neste terreno das palavras, faço disso um percurso para pensar, bem como, de conhecer-exercitar de forma mais substancial modos outros de experimentar uma escrita estética que se afete com um professorado que pesquisa seus processos de subjetivação em educação a partir de uma escrita que permita, possibilite trabalhar de um modo, onde o que interessa são os movimentos de construção das atividades, posteriores leituras, discussões, dos fatos de sua vida, seus

apontamentos, seus conhecimentos permitindo desta forma, que cada um dos envolvidos se constitua a si mesmo, dando voz à suas palavras, constituindo deste modo quem sabe através da escrita epistolar uma *prática de ensino menor*, escapando do instituído, possibilitando talvez, outro modo de fazer educação, dentro do que esta conjugado e dito.

Antes de seguirmos é preciso explicar este termo *prática menor* que surge muito e sempre em *itálico*: A proposta de *prática menor* busca aporte no conceito de educação menor apresentada por Silvio Gallo, a qual busca pensá-lo para considerarmos acerca de práticas pedagógicas na atualidade, e, “[...] destaca, prioritariamente, a importância do exercício cotidiano da docência implicada na relação professor-aluno, buscando transformações mesmo que essas sejam pequenas” (SILVA, 2015, p. 01). Silvio Gallo (2002) busca aporte para tratar do tema em Deleuze e Guattari (1995, 2014) em ‘Kafka - por uma literatura menor’ e ‘Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. I.’ onde para ele:

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os 175 alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. (GALLO, 2002, p. 08)

A *prática menor* faz interconexões com a educação menor, linhas aferentes e eferentes, um ir e vir, e destaca a busca por transdizer os processos de subjetivação, deste modo, como *prática menor* ofereço a proposta de investigar o miúdo, ir ao fundo da toca por andam os ratos, isto é, ir ao cerne das conexões e integração dos saberes através de propostas de atividades desenvolvidas por professores nas distintas áreas do saber, não importando a qual nível de ensino estejamos lidando. A *prática menor* seria então, o exercício, o fazer docente que rompe com o instituído. Seria a ‘militância’. A resistência, ou o resistir a um *modus operandi* de se fazer e pensar educação dedicando-se ao que é feito em sala de aula, um como, e de que modo é feito. Um

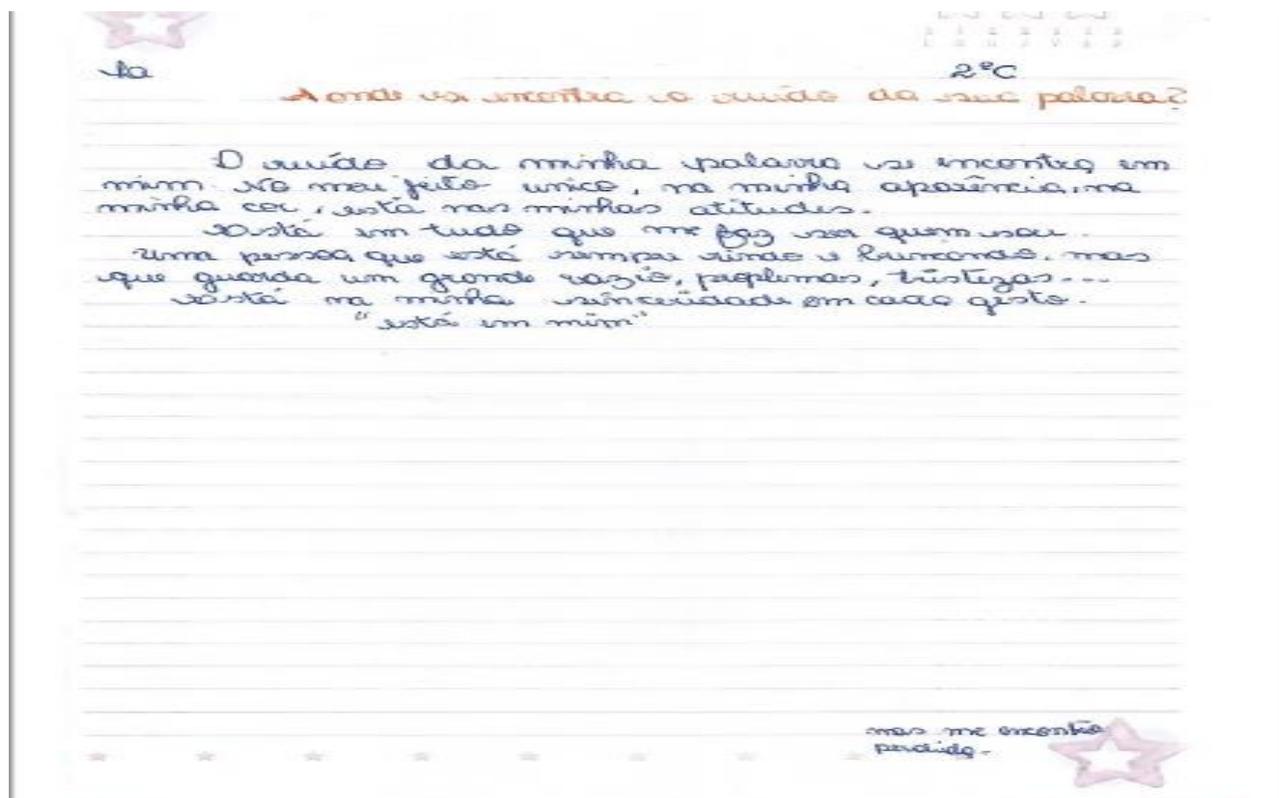
*menor* que não necessariamente surge de uma prática, mas de um encontro, uma singularidade que irrompe sem prescrições, num fluxo professor-aluno e/ou aluno-professor, e que provoca, desloca um modo de fazer, de se fazer. Uma inventividade, um devir-docente. Um escapar das linhas molares, das estratificações.

Se há uma literatura menor, porque não pensarmos numa educação menor? Para quem e para além de uma educação maior, aquela das políticas públicas, dos ministérios e secretarias, dos gabinetes, há também uma educação menor, da sala de aula [*prática menor*], do cotidiano de professores e alunos. É essa educação menor, que nos permite sermos revolucionários, na medida em que alguma revolução ainda faz sentido na educação em nossos dias. A educação menor constituísse, assim, num empreendimento de militância. (GALLO, p. 01, 2002 [*grifos do autor*])

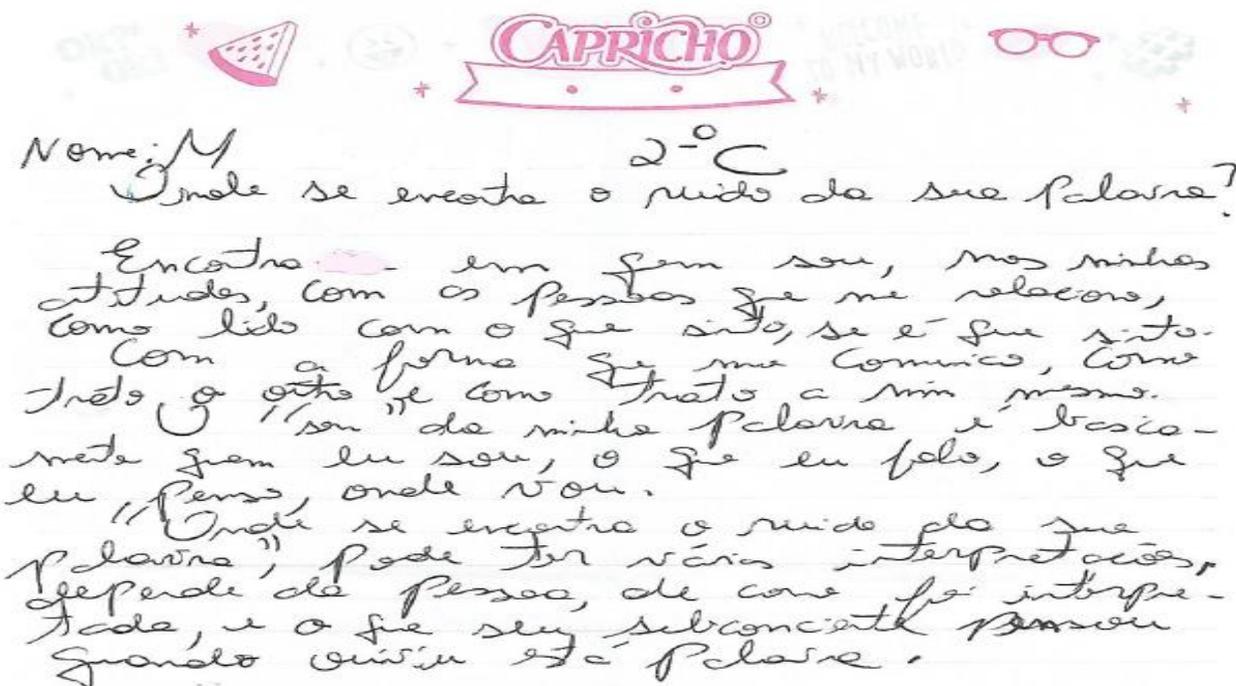
E, a partir desta perspectiva, talvez, mais como forma de exercitar esta escrita estética há algum tempo exercícios outros vem se construindo e provocando um modo distinto de olhar para aquilo que me é caro, minha docência. Como esta proposta de pesquisa articula um pensamento que se envolve direta e intrinsecamente com a sala de aula, com a escrita, *práticas pedagógicas menores foram* oferecidas, por exemplo, num exercício de querer que meus alunos do segundo ano do ensino médio, onde leciono a disciplina de Geografia, questionassem se questionassem, e buscassem pensar para além do que esta posto a sua frente, do que lhes é obvio e que não sejam passivos, que articulem um pensamento com a escrita criativa, onde possam deixar fl[r]uir o que lhes é seu, onde estes vejam, por exemplo, que sim é possível articular Geografia, Literatura, Língua Portuguesa, Filosofia, Artes, etc; de um modo onde o que interessa é provocar o pensamento, fazer com este desmonte que as caixas nas quais foram postas as ideias se desconstruíssem, e após em um exercício de construção propus uma indagação simples na qual eles poderiam responder se quisessem ou não.

A pergunta era: *Onde se encontra o ruído de sua palavra?* Muitos alegando que tal pergunta não possuía nenhuma aproximação com a Geografia e que tal exercício '*não iria valer nota*' se absterão de responder. Mas, dois alunos fizeram: Um

menino e uma menina. Suas respostas seguem em anexo e ambos tiveram seus nomes apagados, sendo mantida somente a letra inicial do primeiro nome.



**Figura 01:** Anexo 01. Texto escrito pela aluna 'L'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal



Nome: M 2<sup>o</sup> C  
 Onde se encontra o ruído da sua Palavra?  
 Encontro em um form sou, nos minhas  
 atitudes, com os pessoas que me relaciono,  
 como leio com o que sinto, se é que sinto.  
 Com a forma que me comunico, como  
 trato o outro e como trato a mim mesmo.  
 O "sou" de minha Palavra é básico-  
 mente quem eu sou, o que eu falo, o que  
 eu penso, onde vou.  
 "Onde se encontra o ruído da sua  
 Palavra", pode ter várias interpretações,  
 depende da pessoa, de como for interpre-  
 tado, e o que seu subconsciente passou  
 quando ouviu esta Palavra.

**Figura 02:** Anexo 02. Texto escrito pelo aluno 'M'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

Cabe salientar que tal proposta possuía o intuito de fazer com que estes estudantes, articulassem de um modo 'filosófico' de pensar, o que demanda que permaneçam presentes na articulação das ideias: a problematização, a argumentação e a conceituação, para que possam responder tal questão, não divagando de modo abstrato ou leviano sobre a mesma, mas, que: buscando elementos que construíssem uma argumentação suficiente que propusesse movê-los do lugar comum, onde estes

extraíssem a partir de suas leituras e encontros a conceituação necessária para problematizar tal indagação. Um exercício de escrita, um risco. Um exercício de leitura, outro risco.

Para Sêneca e Epicteto, a prática da leitura e da escrita não devem estar separadas; ambas têm em comum o ato de pensar enquanto são desenvolvidas. A palavra escrita, por estar fixada num suporte material, adquire um caráter de permanência, diferentemente da voz, que é mais efêmera. (BARROS, 2011, p. 153-154)

Deste modo, o que se quis articular com esta proposta foi o de que estes alunos experimentassem algo, a escrita, o ler. O cuidado. Sim! Cuidado; de se perceber, de estar presente, de fixar o pensamento em algo que lhes é próprio, e indagar, “[...] trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si (FOUCAULT, 1992, p. 137). Mas, não é só isso

[...] a prática de si implica a leitura, pois não é possível tudo tirar do fundo de si próprio nem armar-se por si só com os princípios de razão indispensáveis à conduta: guia ou exemplo, o auxílio dos outros é necessário. Mas não se deve dissociar leitura e escrita; deve-se ‘recorrer alternadamente’ a estas duas ocupações, e ‘temperar uma por meio da outra’ (FOUCAULT, p. 138-139).

A escrita aqui adquiriu outra forma, tomou outro sentido, e é percebida como um exercício, uma saúde, que insiste em inventar um modo outro de ser e estar, assim, portanto, esta proposta de atividade demonstrou a importância de ver que se faz necessário buscar investigar, não de modo invasivo, mas cauteloso e com cuidado, aquele que está sentado na classe. Buscar saber quem é..., de onde vem..., como se encontra... Ou onde se encontra o ruído de sua palavra, pois cada um é formado pelos

encontros que traz do dia a dia que consome ou que é consumido por ele. Encontros não com pessoas, mas com o que lhes afetam: “[...] *esta em tudo que me faz ser quem sou...*” (ALUNO ‘L’, 2018).

Ao propor uma dobra, um olhar para si, ao torcê-los e fazer da escrita um exercício de saúde, de cuidado: “[...] *encontro em quem sou, nas minhas atitudes, com as pessoas que me relaciono, como lido com o que sinto..., [...] o som da minha palavra é basicamente quem sou...*” (ALUNO ‘M’, 2018), busco que experimentem um movimento, um deslocamento, busco que dançam sobre o gelo de camada muita fina, e como tal, caiam e levantem-se, procurando perceber que o importante não é o levantar, mas sim o cair, e, é aí que se encontra a potência e, é aí que deve ser investido esforços para perceber que o cair não é um fronteira determinada, e, portanto, perceber que

as relações de forças [poder] que habitam o mundo exterior [fora] podem atravessar um corpo [dentro], fazendo com que a linha limítrofe entre o exterior e o interior [linha do lado de fora] vergue e forme a dobra [zona de subjetivação]. (DELEUZE, 2005, p. 128).

Este é um caminhar juntos. E aqui retomo uma fala escrita antes: “[...] *caminhar acalma o espírito e nos faz encontrar com nós mesmos. Mas, é preciso deixar a pressa e afazeres de lado por alguns momentos...*”. Caminhar então aqui utilizo como metáfora para pensar os processos de subjetivação. E retorno novamente a este texto e me repito: *Caminhar e escrever então são sinônimos? Escrevo para não esquecer, caminho para lembrar-me do que escrever.* Resisto no entre: {poder-fora-dentro-[linha do lado de fora-(entre)- zona de subjetivação]}. *Prática menor.*

Enfim o sol se põe e nos convida a parar, encontrar um local seguro e descansar. É neste momento em que as reflexões da caminhada se fazem e novas ou antigas decisões são tomadas...

Ao seguir esta jornada eu e você encontramos em nossa caminhada alguns amigos, uns meus, outros seus, alguns outros estranhos a nós que nos deram pistas de quais caminhos seguir. O trajeto foi árduo [aos dois], e por alguns momentos lentos, por vezes velozes. Foi preciso algumas vezes parar e respirar fundo e pensar se seguiríamos em frente ou se iríamos abandonar a caminhada, pois haviam obstáculos de inúmeros calibres. Felizmente superados.

Enfim deixo-lhe agora com seus afazeres, com sua rotina, e com a velocidade cotidiana de seu dia, deixo-o com o que ficou desta leitura e os pensamentos advindos dela, os cheiros, as cores, indagações, os pés doidos...

[...] as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados, que vamos fazendo, cada um deles e todos juntos, podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional que, embora involuntária, ou por isso mesmo, não seria menos sincera e veraz que o mais minucioso dos relatos de uma vida passada à escrita e ao papel. Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão [...].

– Saramago –<sup>2</sup>

---

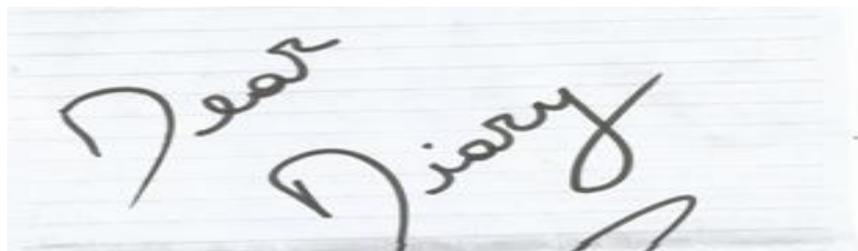
<sup>22</sup> Excerto extraído do texto Biografia do dia 23 de setembro de 2008 do livro O caderno. Textos escritos para o blog. Setembro de 2008 – março de 2009. Livro editado pela Companhia das Letras. Disponível em: <  
[https://books.google.com.br/books?id=GXAUIYeLstOC&pg=PT18&lpg=PT18&dq=as+palavras+que+vamos+pronunciando,+todos+os+movimentos&source=bl&ots=WpA\\_FcGCGq&sig=ACfU3U0vtUtuXa2VbJ4aA352mlbv9bul3w&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjCqMaCieTpAhX3G7kGHTldCSsQ6AEwA3oECAkQAQ#v=onepage&q=as%20palavras%20que%20vamos%20pronunciando%2C%20todos%20os%20movimentos&f=false](https://books.google.com.br/books?id=GXAUIYeLstOC&pg=PT18&lpg=PT18&dq=as+palavras+que+vamos+pronunciando,+todos+os+movimentos&source=bl&ots=WpA_FcGCGq&sig=ACfU3U0vtUtuXa2VbJ4aA352mlbv9bul3w&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjCqMaCieTpAhX3G7kGHTldCSsQ6AEwA3oECAkQAQ#v=onepage&q=as%20palavras%20que%20vamos%20pronunciando%2C%20todos%20os%20movimentos&f=false)> Acessado em 29/11/18.

### Meu diário triste de horrores cotidianos, ou um relicário de palavras...

*O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.*

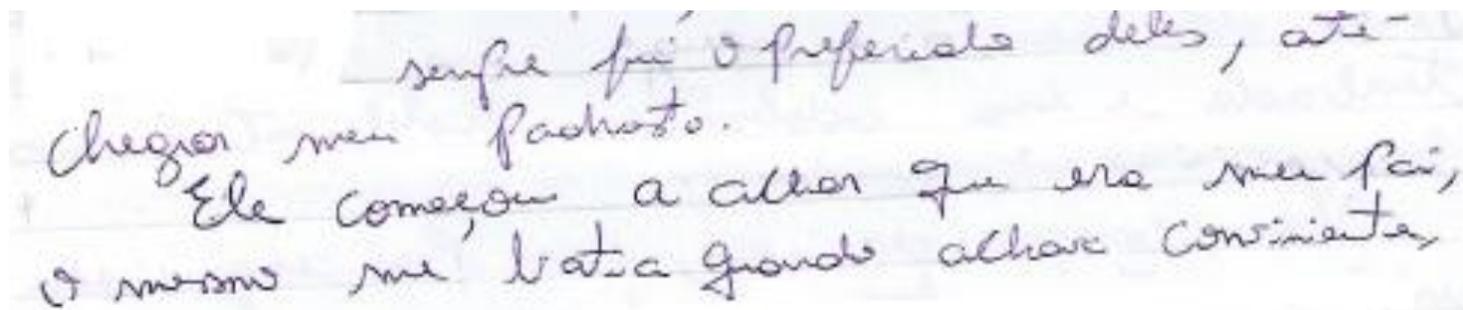
*- Friedrich Nietzsche -*

Aqui irei tomar um caminho distinto e seguir a caminhada à margem. Um pouco mais a beira do penhasco. Irei tratar de dialogar um pouco mais sobre a proposta de escrita realizada com a turma do segundo ano do ensino médio. Pensar um pouco mais sobre o que estamos discutindo.



**Figura 03:** Anexo 01. Texto escrito pelo aluno 'M'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

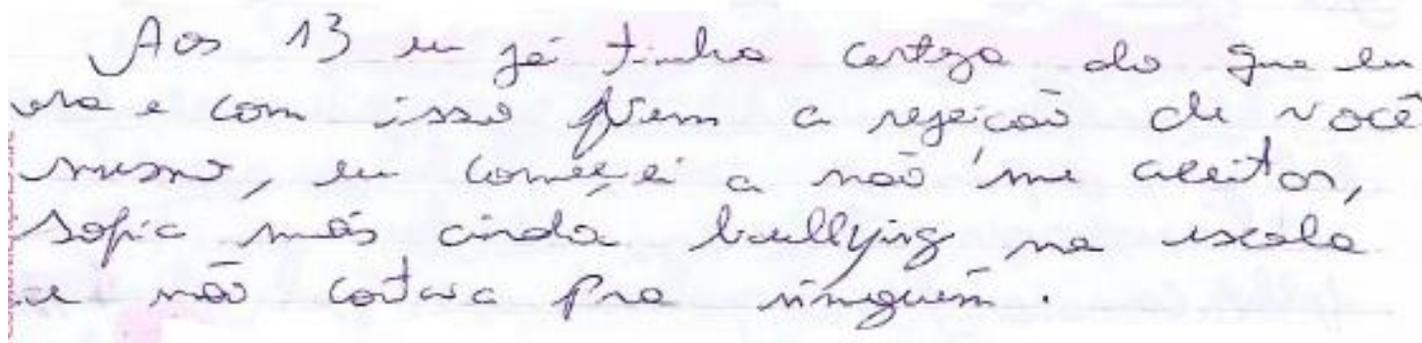
“Dear Diary” é o nome da escrita feita pelo aluno do segundo do ensino médio, ‘M’, em 2018. Ao longo do ano ele produziu dez páginas do que tratou como seu diário, onde neste diário o qual teve certa dificuldade de produzir, pois busco no íntimo de seu ser coragem para lembrar fatos de sua infância, seu cotidiano em família e de encontros que o constituíram em sua singularidade. É seu diário. Sua escrita. Uma escrita impregnada de sensibilidade, de imanência. Impregnada de uma verdade nua e amarga, de feridas que provocam lágrimas afiadas e embebidas num fel sutil e refinado.



sempre fui o preferido deles, até chegar meu padasto. Ele começou a achar que era meu pai, o mesmo me batia grande achava conveniente

**Figura 04:** Anexo 01. Texto escrito pelo aluno 'M'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

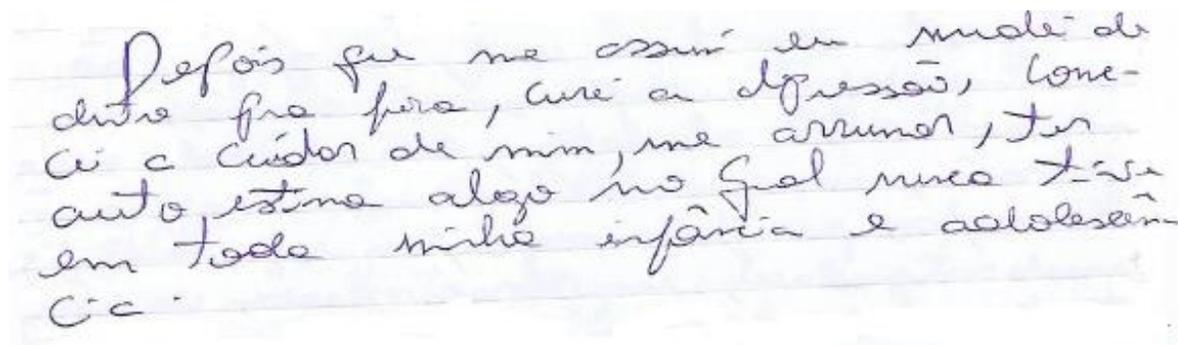
Um falar de si que constitui uma singularidade. Uma crítica.



Aos 13 eu já tinha certeza do que eu era e com isso fiz a rejeição de você mesmo, eu comecei a não me aceitar, sofri mais ainda bullying na escola e não contava pra ninguém.

**Figura 05:** Anexo 01. Texto escrito pelo aluno 'M'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

Mas não pense que são lamúrias. Ao contrário, é uma escrita potente de alguém que lidou com a dor e extraiu dela força e robustez e vigor para um vir a ser. Uma clínica.



Depois que me assini em nome de  
doutor pra fora, curei a depressão, liguei  
ci e cuidado de mim, me arrumar, ter  
auto estima algo no qual nunca tive  
em toda minha infância e adolescência  
Cic.

**Figura 06:** Anexo 01. Texto escrito pelo aluno 'M'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

Cabe aqui também ressaltar que esta escrita surgiu de uma proposta de sala de aula após um agenciamento de encontros com a escrita, com um pensamento estético, com uma *proposta menor* de pensar um modo de instigar os alunos do segundo anos do ensino médio a um falar de si, buscar antes de tudo na/através da escrita um cuidado. Pensar quem é. Olhar dentro do abismo...

Ao pensar sobre um cuidado que busca atender processos subjetivos a partir de um fazer pedagógico que arte-faz na escrita, tal como o oleiro com seu barro, o poeta com a palavra o seu verbo, a mó com o grão, encontros que constituem-se uma artesanaria devir-docente, o que foi oferecido a estes alunos em momentos diferentes de aulas distintas foram duas perguntas, uma: Onde se encontra o ruído de sua palavra? E a outra: O que pode escapar do silêncio? Disparadores. Estopins para que 'M' produzisse uma escrita, e me oferecesse, sem jeito, cauteloso, e receoso de que a vida novamente lhe decepcionasse, e que suas palavras não fossem bem acolhidas. Uma dor difícil de apagar de quem desde bem cedo, precisou suportar o pesado fardo do preconceito sobre seus ombros.

O que pode escapar do silêncio? Talvez seja preciso viver uma vida inteira para conseguir responder esta pergunta, ou quem sabe, ter um encontro que lhe desterritorialize, e lhe conecte noutra território de outro modo e lhe cause um espanto, um vazio. Um abismo, que só é maior dentro de ti. Talvez isso seja o que pode escapar do silêncio...

Quando o outono chegou trouxe o silêncio e com ele encerrei-me em meu verbo acre, em minha febre e sonhos, réquiem de um mar de grises sombrio e perturbador. Névoas consumindo um corpo já abatido pelo pecado que fez selar os lábios e calar a voz, afogar o peito em mentiras convulsivas, rizoma das ervas do homem.

o gorjeio dos pássaros. Fez emudecer

O outono trouxe o vento e fez bailar as folhas soltas, a poeira. Fez mover o deserto, dobrar os sinos, sorrir as charneiras do umbral de minhas ruínas, povoada de solidão de palavras e frio...

Com ele [o vento] dancei entorpecido pelo ópio de suas virilhas. Por fim quando o outono chegou trouxe com ele em seus braços nuvens carregadas de uma velha tristeza, véus de um rosto sem amor, um céu carregado de um veneno doce gotejando lâminas de verdade; lembranças, manancial de monturo.

Quando o outono chegou persegui o medo pelos rastros que ele me deixou, sorri a felicidade dos moribundos quando com eles me encontrei... Quando o outono chegou trouxe esta forte dor no peito, lágrimas e estas palavras, cortejo de adjetivos e sinônimos...

- o autor -

## Angústia

Há algum tempo meus olhos não tocam as texturas do ambiente onde revira sua fé, pois estas lhe surgem tão cinzas, sombreadas de um acre hálito o qual cerra suas órbitas. Algo que tem a ver com naturalização, banalidade, senso comum, e Eles, os seus olhos, se calam e expiam de tal modo vontades que um embrutecimento voraz torna quiçá, o fazer pedagógico um fardo. Mas, não deveria ser assim. Pois, lá onde revira sua fé ao avesso e a destroça em mil faces, lá naquele lugar onde seus olhos deixam escapar ou querem que escapem o que de mais sensível há para ver, há para sentir, há de existir, ainda, uma textura que não seus olhos ainda não tocaram, pois, Eles sabem diferir um olhar de imersão de um olhar de sobrevôo, e, deixam sim escapar suas mais profundas vontades de querer tocar as coisas. Algo de útil ou inútil, quem sabe. É notório que Eles, por vezes, criam obstáculos, muros, cercas, cercos que impedem o corpo, também de sentir com intensidade, por exemplo, a brisa violenta do bater de asas de uma mosca, ou a intencionalidade que há no movimento dos lábios que articulam-se aos horizontes das faces para produzir um sorriso de infante, e que, isso enferruja ainda mais o terno e cálido afeto de se fazer *maestro*. Uma angústia.

É do saber de todos, não novidade, que ele busca incansavelmente na estética de uma escrita [talvez na estética dos objetos, e suas singularidades], dar forma ou suportar, e daí capturar o que não esta dito, para perseguir-tocar novamente a textura dos elementos que compõem um corpo escrito [professoral], um criminoso desejo de querer ter fé, e por fim cerrar os ferrolhos do esquite no qual a sepulta. Outra angústia. Uma fé esquecida sob o pó do giz que se parte ao toque, ou que arranha o quadro e não produz notas harmoniosas, mas sim gritos, lamentos, ou sussurros de ecos longínquos... Um quadro e um giz que não conversam entre si, mas que travam homéricas- troianas batalhas...

Há diálogo com objetos que seus olhos não querem notar, se sim o que querem envolver? Será levar-te a outro caminho, um caminho mais a margem ainda deste que encontramos neste deserto e que explora dialogar com outros viajantes que em

outras caravanas pouco a pouco lhes fazem observar o movimento dos ventos que bailam com a areia, e lhes ajudam distraidamente a afrouxar os ferrolhos do esquite... Ou às vezes ao sentar em meio ao caminho e observar as estrelas [bússolas] provocarem os olhos. Nômades que buscam.

O que pretende a escrita? Libertar-nos do que é. E o que é tudo, mas é primeiro a presença das “coisas sólidas e preponderantes”, tudo o que para nós mascara o domínio do mundo objetivo. Essa libertação se realiza graças à estranha possibilidade que temos de criar o vácuo ao nosso redor, de colocar uma distância entre nós e as coisas. Esta possibilidade é autêntica (“temos direito”) porque esta ligada ao sentimento mais profundo da nossa existência, a angústia, dizem uns, o tédio, diz Mallarmé. (BLANCHOT, 1997, p.45).

Sua vontade inicial era terminar o que já havia iniciado há um tempo, mesmo sem perceber ao certo o que buscava. Suas vontades esvaíam-se como o sangue que se esvaía de suas veias [o corte que havia provocado]. Buscando cessar, criar lapsos de fluxos que insistem em seguir, prosseguir, resistir... Ele dizia que não era intencional, mas estava lá aquele corte, aquela vontade e suas intenções a cada instante mais turvas e complexas. Como uma ferida aberta, um vôo de mosca, que traceja seu caminho e de logo em logo alça as alturas e segue... Não tinha como saber o que estava realmente acontecendo, pois tudo tão de repente ocorreu e o arrebatou de pronto, num salto, um espanto, e deslocou-o de um plano a outro. Num instante estava sentado angustiado, buscando um modo de livrar-se do que já tinha iniciado e não conseguia. Era algo que já se tomava parte de si. Não conseguia mais libertar-se daquelas correntes, cada vez mais pesadas em virtude de todo o desgaste de buscar livrar-se delas. Ainda para piorar, as imagens que lhe atormentavam não lhe diziam nada, ao contrário tornavam-se ainda mais confusas ao passo que os dias corriam lentos, tal qual as areias do tempo no estreito caminho que há dos opostos-iguais da ampulheta, este [o tempo] deixou de ser um aliado, tornou-se um inimigo. O sangue ainda escorria, não mais tão veloz, mas ainda escorria. Seus pensamentos estavam mais propensos a desistir do que qualquer outra coisa. Seu[s] desejo[s] fora[m] vencido[s] pensava ele. De

que forma escapar? De que modo parar de sangrar? Como ainda posso tornar o tempo um aliado? As respostas a estas perguntas estavam distantes, as próprias perguntas estavam tão distantes, pois ele estava distante. Mas, como tudo em si, como em um mudo assombro, os pássaros calaram seus gorcejos, as tempestades tornaram-se aliadas e ele as cavalgou e conseguiu cerrar os pulsos, estancar o fluxo de sangue [ideias] e centrar-se em uma só e seguir...



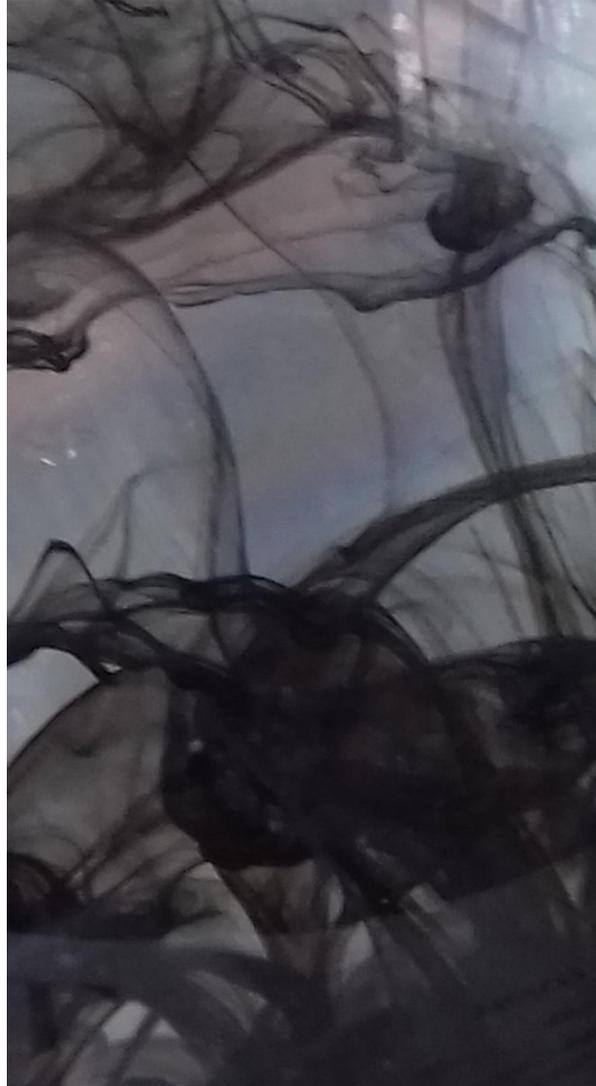


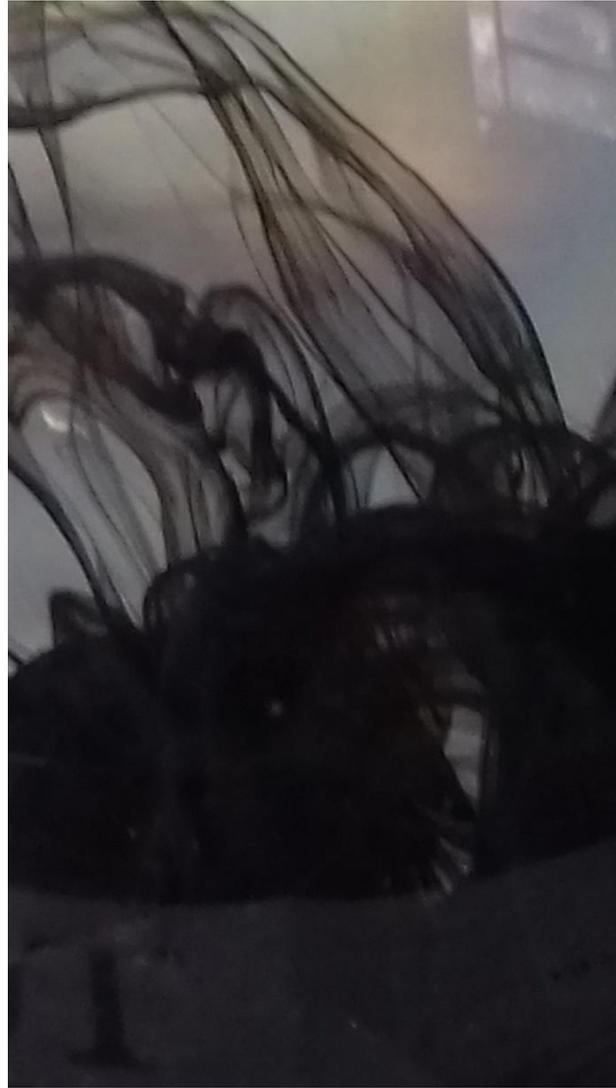












## **Hiato**

*Pelotas – RS, 20 de maio de 2020.*

*Em uma manhã ensolarada de maio em meio às dúvidas e incertezas de tempos sombrios...*

*Há, algum tempo venho pensando em escrever este texto, em dar sentido ao que vem ocorrendo em meus pensamentos em relação aos acontecimentos dos últimos meses. Meses estes que se desestruturaram de tal modo que tudo o que sei, sabemos, acerca das coisas, dos sonhos, de nossa saúde, de nossa vida de um modo geral se tornou um grande vazio. Um vazio preenchido de angústia e incertezas.*

*Há tempos penso em terminar a escrita de minha dissertação, mas muito de minhas vontades se diluiu em meio às incertezas, e, por isso, agora, somente agora, após um tempo tentando encontrar as palavras, sentido e vontade em querer fazer isso é que me dedico a este momento. Resolvi incluir esta escrita nesta parte da dissertação como um capítulo e chamá-lo de Hiato, poderia quem sabe se chamar de vírgula, ou então preposição, ou então reticências, ou..., pois todos estes nomes de um modo ou outro dão sentido a escrita, pois ela ocorre após uma grande parada. Este texto segue após outro pensamento quiçá concluído, ele dá sentido ao que já está pronto e acredito ter concluído em momento outro, ou seja, quem sabe, por hora, esta dissertação chega ao seu término, enfim...*

*Nestes atuais tempos, estamos fazendo história, pois estamos vivenciando uma pandemia sem precedentes na era moderna, até o mesmo o Ébola um dos vírus mais mortais e perigosos nunca conseguiu atravessar continentes inteiros como este vírus que estamos enfrentando neste momento, o novo Corona Vírus (COVID-19, agora chamado de SARS-CoV-2) teve início na cidade de Wuhan na China, em dezembro de 2019, primeiramente ocorrendo entre frequentadores e comerciantes de um mercado atacadista de frutos do mar e animais selvagens vivos e mortos.*

*Muitas coisas mudaram dentre elas a forma como se esta encarando a realidade do convívio humano, onde neste momento estamos dando outro sentido a palavras como família, casa [lar], abraço, aulas, presença ou estar presente, palavras ou expressões que foram raspadas e adquiriram outros verbos. Estamos mais próximos uns dos outros em casa, apesar da distância, pois sentimos falta do cotidiano de sala de aula, da rotina de trabalho, dos abraços dos amigos, de estarmos presentes em rodas de conversa, mesas de bar. A casa, a família adquire outro sentido, outra forma de ação, de como agirmos com quem amamos e queremos proteger. A palavra casa abriga em sua semântica definições mais desmedidas, tais como: amor, cuidado, afeto, segurança. E, é nisso que venho empenhando esforços para buscar entender nestes últimos tempos, pois só damos sentido a estas palavras quando realmente a ameaça de perdermos algo ou alguém é real, e esta ameaça não ficou no plano do imaginário, mas inviabilizou inúmeros projetos, inúmeros sonhos...*

*O ano de 2019 foi um ano repleto de expectativas, tal como outros tantos já percorridos, mas neste as expectativas estavam voltadas ao retorno a Medellín – Colômbia e desta vez também a Bogotá. Dois eventos distintos [acontecimentos] proporcionaram que se articulasse entre um grupo de docentes de instituições públicas [escola estadual e Universidade Federal no Brasil e também Colômbia] e uma instituição particular [Colômbia] um projeto de intenções e ações que culminariam em um intercâmbio promissor.*

*O mês era março de 2018, e, a partir de uma mensagem no Messenger enviada no final de uma noite por Marisela Guapacha, professora colombiana do Colegio Eucarístico de la Milagrosa<sup>3</sup>, começou-se a desenhar-se propostas de ações e que em 2019 virou projeto de extensão e pesquisa.*

*A partir da construção de ideias e pensamentos conjuntos se pode saber dos interesses de Marisela, e seus grupo de colegas e estudantes, deste modo, retiro e apresento conforme suas falas as partes que julgo serem importantes compartilhar conforme nossos diálogos e construção deste intercâmbio.*

*O projeto colombiano tinha como premissa básica apresentar no Brasil ressignificação de sua cidade [Medellín] como um lugar onde a transformação e inovação tem permitido que sua gente possa estudar, trabalhar, criar, gerar e pesquisar ao nível nacional e internacional. Projetos que saem de pessoas que tem histórias e experiências de frente com a guerra e a violência que por muito tempo envolveu nossa cidade e que era apresentação da cidade ante o mundo.*

*Jovens, adultos e crianças que agora podem sonhar, construir e fazer história de outra maneira. Espaços da cidade que agora são para que as pessoas sem importar sua procedência possam aprender, ensinar e compartilhar suas próprias histórias, saberes e culturas. Uma cidade para todos.*

*Um lugar para as múltiplas aprendizagens, onde é possível tecer experiências, conhecimentos, amizades. Um espaço de memórias porque é importante lembrar o passado para não ter que o repetir.*

*Medellín, uma cidade de portas abertas, da eterna primavera, que não pode ser reduzida a imagem do Pablo Escobar, sua história e suas aventuras que estão cobertas de sangue.*

---

<sup>3</sup><http://www.eucaristicodelamilagrosa.edu.co/>

*Por tudo isso, a vontade era [é] apresentar uma cidade de um modo diferente, ressignificar seus espaços, reconhecimentos e imagem ante o mundo, falar de Medellín, apresentar os espaços de transformação, inovação, aprendizagens e memórias, este é o objetivo nesta viagem e que também depois vocês possam vir e percorrer os mesmos caminhos.*

*De outro modo, e efetivamente o nosso intercâmbio Brasil-Colômbia que previa no mês de junho de 2020 os encontros presenciais dos grupos de ambos os países, tinha como objetivo fazer com que as estudantes e os professores pudessem fazer um intercâmbio de saberes, culturas, projetos, experiências e aprendizagens no âmbito educativo. Também, muito importante para todos conhecer possíveis oportunidades de estudo nas universidades do Brasil e Colômbia, oportunizando fazer trocas de ensino e compreender as diferentes metodologias e dinâmicas de trabalho em ambos os espaços estudantis.*

*O projeto que as estudantes do ensino médio da série 10 e 11 com assessoria de alguns professores iriam apresentar está direcionado no projeto de ressignificação da cidade de Medellín, por meio da Memória histórica desde a arte na cidade e também involucrar o processo de urbanização de Medellín. O anterior levando em conta que no mundo ainda se tem a imagem de nossa cidade como lugar do narcotráfico, a cidade do Pablo Escobar, entre outros imaginários sociais que é preciso refletir e transformar.*

*O colégio e as estudantes estão trabalhando neste projeto por médio das áreas de Ciências Sociais, Língua Castelhana e Português. Para elas é muito importante a oportunidade de mostrar sua cidade de outra maneira e também aprender dos projetos das escolas e universidades que vão conhecer nesta viagem. Além disso, alguns professores e diretivos vão apresentar alguns projetos do colégio e de sua própria experiência na aula.*

*Muitos trâmites, muitas conversas, acertos e passagens compradas e canceladas. Cancelamento ao menos das passagens, mas não do projeto de intercâmbio. Estamos, como se pode dizer, em modo 'stand bye', só aguardando tudo se normalizar para seguirmos em frente.*

*Contudo, em meio aos trâmites e conversas meus alunos do quinto ano do ensino fundamental trocaram cartas com as alunas de Marisela. Seguem algumas das imagens das cartas que os mesmos trocaram, salientando que esta troca de cartas foi muito importante para meus alunos e para a construção de subjetividades acerca do imaginário de possibilidades que se construíram com este processo.*

*O simples ato de escrever está imbricado numa gama muito grande de agenciamentos. Rizomas. Meus alunos ao escreverem as alunas de Marisela se puseram a tecer-construir relações de pertencimento com seus colegas, sua sala de aula, sua escola, país. Colocaram-se despidos ao desconhecido empunhando consigo somente a palavra. Seus verbos. E, deste ato generoso, receberam em retribuição a mesma empatia.*

*É uma escrita pura e ingênua. Repleta de sonhos. De troca. Sensibilidade e afeto. De querer saber, conhecer, de poder aguardar e ter a ansiedade como uma amiga prazerosa que traz consigo a esperança do novo. De novos ares a se respirar, de novas paisagens a se querer olhar. Traz a esperança de se enamorar com as possibilidades do ‘como será?’*

*Tal experiência oportunizada a tais alunos, brasileiros e colombianas nos faz refletir do como é importante a entrega, o falar de si. Do dizer-se sem medo das restrições, dos padrões estipulados, dos estigmas enraizados, das diferenças lingüísticas impostas pela geografia.*

*A escrita de cartas oferecida como proposta de educação menor, ou seja, aquela que rompe com o instituído e busca fora do habitual construir saberes a partir do que o aluno traz consigo, de suas experiências, seus cotidianos, suas sensibilidades transformando a sala de aula em um ambiente de troca. Professor e alunos se conhecendo e aprendendo juntos, pois aprender juntos só é possível a partir do momento que há confiança e confiança se adquire entregando-se e dando-se a ver.*

24/09/2019  
OLÁ! MEU NOME É \_\_\_\_\_ MORO EM  
PELOTAS MEU BAIRRO É FRIGATA MEU SONHO É SER  
JOGADOR DE FUTEBOL A DORO GRITA GOL! VOCE  
GOSTA DE ESPORTE?  
GOSTO DE VIAJA PARA PORTO ALEGRE A ONDE  
VIVE MINHA PRIMA OLIVIA  
TENHO QUASE 11 ANOS DE A 24/10/2019 VOU FA  
ZER 11 ANOS NA SIEM 2008 E VOCE?  
SO TENHO UM BICHINHO DE ESTIMAÇÃO ELE  
É UM PEIXE O NOME DELE É DOURADO.  
EU VO ACA BA ESTA CARTA PARA VOCE

Figura 07: Carta escrita por aluno do 5º ano. Escola Técnica Estadual Prof.ª Sylvia Mello, 2019. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

OLA QUERIDA WENDY ESTOU MUITO  
GRATO EM FAZER ESSA CARTA PARA  
VOCÊ FOI A MELHOR EXPERIENCIA QUE  
EU JA TIVE EU ME CHAMO ARTHUR E EU  
GOSTO DE JOGAR FREE FIRE, CALL OF DUTY  
Y BLACK OPS 3 E NINE CRAFT E VOCÊ?  
ESPERO QUE VOCÊ GOSTE DESSA CAR-  
TA. :)

**Figura 08:** Carta escrita por aluno do 5º ano. Escola Técnica Estadual Prof.ª Sylvia Mello, 2019. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

data 24/09/19  
S T Q Q S S D

Ola' querida

Estou muito feliz em receber sua carta, meu nome é [redacted] tenho 7 anos, moro em Pelotas, Rio Grande do Sul no Brasil.

Gosto de brincar de boneca com a minha irmã, gosto de dançar e cantar.

Estudo na escola Suelvia Mello, e gosto muito dessa escola. Por que tem umas amigas que gosto brincar e tem umas colegas que eu não gosto muito de brincar.

Eu tinha um filhote de gato, mas ele fugiu e não voltou mais, fiquei muito triste. Por meu gatinho que desapareceu.

Agradeço pela carta e um abraço bem forte.

Figura 09: Carta escrita por aluno do 5º ano. Escola Técnica Estadual Prof.ª Sylvia Mello, 2019. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

*É possível perceber que tais cartas tratam de anunciar uma inocência, uma ingenuidade natural da idade. Um olhar simples acerca do comum, do dia a dia, dando sentido e atenção ao que nos cerca, algo a muito perdido por aqueles que perderam a infância ou a tenra idade.*

*“Eu tinha um filhotinho de gato mas ele fugiu e não voltou mais, fiquei muito triste por meu gatinho que desapareceu.” (fala aluna figura 09).*

*“Ola querida Wendy estou muito grato em fazer esta carta para você foi a melhor experiência que eu já tive.” (fala aluno figura 08).*

*“...meu sonho é ser jogador de futebol, adoro grita gol! Você gosta de esporte?” (fala aluno figura 07).*

*Coisas de seu dia a dia, um falar de si, um abrir-se. Um dizer de coisas que lhes afetam e que lhes dão sentido, singularidades, subjetividades que lhes tornam únicos de mesmo modo lhes constroem. A escrita como instrumento, como uma prática singular, menor de ensinar e aprender. A escrita de cartas algo tão primitivo e hoje peculiar. Alguém um dia disse que a escrita é uma fala de si. Um abrir-se. Que é fácil falar-escrever de coisas de seu dia a dia e isso se intensifica na escrita de cartas pessoais; “a correspondência é um texto por definição destinado ao outro que ajuda o individuo a aperfeiçoar-se, estimulando destinatário e remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em seus cotidianos” (IONTA, 2011, p. 84).*

Jueves, 20 de agosto

**¡Hola querido  
amigo!**

Hola me llamo  
tengo 11 años. Estudio en el Colegio Eucarístico  
de la Milagrosa, me gusta pasar tiempo con  
mis compañeros en el descanso. Mido 1,50 M,  
Cumpló el 25 de Junio. Nací el 25 de  
Junio del 2008, mi mamá se llama  
Jackeline y tiene 29 años y mi papá  
tiene 32 años y se llama Francisco.

Vivo en Enciso y vivo en 2 Casas en  
la de mi abuela y donde mi mamá  
y papá.

**ESPERO que te  
Haya gustado.**

**Figura 10:** Carta escrita por aluna do 6º grado. Colegio Eucarístico de la Milagrosa, 2019. Medellín – Colômbia. Fonte própria de arquivo pessoal

Medellín, 20 de agosto de 2019

¡Hola querido amigo(a)!

Soy camilo, tengo 10 años, Me gusta el helado de chicle, Mi barrio porque hay personas muy carinosas, Me gusta mi colegio porque hay muchas personas con quien puedo compartir, No me gusta la clase de Matemáticas por que hay veces que no entiendo algunos ejercicios que a nosotros nos ponen, De mi colegio como la cacería (tienda), lo que no me gusta lo de mi colegio es que hay niñas muy tocadas, lo que no me gusta de mi barrio es que no es un barrio alegre, tampoco me gusta la clase de ciencias naturales por que hay veces que la profesora y yo no entiendo, Me encanta disfrutar del mar, de la piscina, Me gusta el helado de vainilla, Guayabana, Frutas Rojas, Uva vainilla, de uva, Lolo, Maracuyá, Ron con pasas, arequipe y Bawng, y bueno amigo(a) espero que te guste mi carta y te la hice con mucho amor y cariño ¿Me gustaría saber tu nombre? espero que nos sigamos conociendo, Te agradezco por haberte tomado tu tiempo para leer esta carta y claro yo también me voy a tomar todo el tiempo que sea necesario para leer tu carta(a) carta.

ATT:

**Figura 11:** Carta escrita por aluna do 6º grado. Colegio Eucarístico de la Milagrosa, 2019. Medellín – Colômbia. Fonte própria de arquivo pessoal

Medellín, 20 de agosto de 2019.

Hola querido amigo, ¿cómo estás? Me gustaría conocerte pronto.

Yo soy [redacted] tengo 11 años, me gusta pintar y hacer Yoga, estoy en clases de natación, estoy trabajando en una serie de dibujos animados en mis ratos libres.

Vivo en Medellín en el barrio La Milagrosa, en la unidad cataluña, me gusta vivir aquí porque hay muchos parques y árboles.

Estudio en el colegio Eucarístico, estoy en el grado 5; me gustan las Matemáticas porque me parecen fáciles. pero la profesora que más me gusta es Pilar que me da la clase de español.

Me despido con un abrazo y espero verte pronto, puedes venir para conocernos, porque hasta Frida mi mascota quiere conocerte.



**Figura 12:** Carta escrita por aluna do 6º grado. Colegio Eucarístico de la Milagrosa, 2019. Medellín – Colômbia. Fonte própria de arquivo pessoal

*A geografia imposta pela territorialidade, pela língua é despida, desfeita, desnuda de modo que alunos de escolas distintas, com realidades distintas tratem de coisas de seu dia a dia como se estivessem próximas dividindo, compartilhando o mesmo espaço de sala de aula.*

*“Vivo em Medellín em el barrio La Milagrosa, em La unidade cataluña, me gusta vivir aqui porque hay muchos parques e árboles.” (fala aluna figura 12).*

*“Vivo en Encisás y vivo en 2 casa en la de mi abuela y donde mi mama e papá.” (fala aluna figura 10).*

*Ao trazer seu cotidiano familiar e dividir coisas particulares tais como, onde mora e com quem, do que gosta onde reside demonstra confiança um movimentar-se, ou estar em movimento, a partir do pensar cotidiano e seus modos de se produzir no/com/ele.*

*Tal como no cotidiano de sala de aula, um perfazimento de coisas de seu dia a dia, uma fazer-se diário, o cotidiano em jogo na docência, a docência como jogo do cotidiano.*

*E se nos pusermos a pensar em educar como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca? No deserto de nossas escolas, na solidão sem fim, – mas superpovoada – de nossas salas de aula não seremos, cada um de nós, cães e ratos cavando nossos buracos? (GALLO, 2002, p. 169).*

*E se produzirmos aqui, e desta forma, um modo de ‘militância’, de resistência ao modo dominante de lecionar? E se tratarmos apenas de escavar o presente com uma mera proposta de escrita e/ou leitura?*

## **O rato, o guerrilheiro e o professor: Tocas, trincheiras e resistência...**

Tratar de querer operar um método de pesquisa fazendo-a, é deveras um fardo difícil, e, exige cautela ao anunciar tal proposta. É arriscar-se na e pela escrita. É eleger um modo de pensamento e entrar nele de um modo determinante. É fazer uma escolha de compor um método, de compor-se com este método possibilitando um ir e vir no seu escrinarrar.

Pense por um instante qual a semelhança que existe nos processos de subjetivação que constituem um rato, um guerrilheiro, e um professor? Pensou!? Conseguiu imaginar onde tais processos nestes três personagens se atravessam? Bem, para muitos talvez isso nunca aconteça, e não se consiga de maneira alguma perceber quaisquer relação que seja, mas vislumbro a possibilidade de extrair daí uma escrita que tente explicar uma semelhança nos modos de subjetivação de cada um. Na constituição de um campo de imanência onde teço-tramo um plano conceitual que dê artifícios para pensar, por exemplo, meu devir-docente.

Ratos são animais de hábitos noturnos, que cavam tocas e por elas se esgueiram, uns sobre os outros, pois convivem em comunidades, às vezes grandes comunidades. São animais astutos, que observam e são rápidos ao empreender uma fuga...

Um guerrilheiro que “resiste, observa de que maneiras fortalezas estão implantadas, perscruta os relevos que podem se utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto, [...] um experimentar o tatear, o cerco a tocaia, a estratégia, isso tudo nada mais é do que o método” (DROIT, 2006, p. 69-70)

E, o professor em seu campo de imanência nada mais faz do que resistir, observar, protelar e espreitar o terreno e de que maneiras romper as estruturas das fortalezas que se levantam cotidianamente a sua frente perscruta os relevos e de que modos podem ser utilizados como abrigo, tocas, para nelas se esgueirar, para lançar-se de assalto, tomar decisões. Professores

convivem em suas comunidades, às vezes grandes comunidades. São astutos, pois observam e são rápidos ao empreender estratégias para pensar seu fazer docente, mesmo sem perceberem, sem se perceberem operam um método, um devir-docente.

E, o que foi trazido aqui foi uma narrativa sobre questões que inquietam e dão suporte para contextualizar tais práticas. Oferece dois exercícios realizados em sala de aula, e busca compreender tais exercícios. Chaves quem sabe deste claviculário as quais abrem portas a lugares novos ou antigos, um ir e vir. Subjetividades escreventes marcando seus lugares sociais, subjetividades-alunos que escreveram por conta de uma *prática menor* que os exige falar sobre seus cotidianos, penetrar suas memórias e imprimir no papel seus modos de ser e estar, gestos e indícios de sua cultura, de quem são, como são e de que modo caminham no deserto que estão. Companheiros de uma caminhada que por vezes se fizeram presentes, e que de longe estavam a espreita. Ratos, guerrilheiros esgueirando-se como seu professor pelo entre, pelo meio das tocas, trincheiras onde buscamos abrigo. Possíveis encontros. Salutares devires.

## Referências:

ALIGHIERI, Dante. A divina comédia: inferno / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

ARRAIS. Deserto. Disponível em: <http://faustomag.com/rastros-e-trilhas-de-os-arrais/> acessado em 12/10/17.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Editora Martin Claret. São Paulo, 2005.

BÁRCENA, Fernando. El aprendiz Eterno. Filosofía, educación y el arte de vivir. Miño y Dávila Editores, Madrid. 2012.

BARTHES, Roland. S/Z. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BARROS, Marcelo Donizete de. Ensino de Filosofia e a Escrita de Si: Contribuições da Filosofia na Formação do Jovem Contemporâneo Disponível em: Kínesis, Vol. III nº 05, Julho-2011, p. 151-166 <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/MarceloDonizetedeBarros.pdf>> acessado em 20/01/19.

BUSSOLETI, Denise. Espéculo. Revista de estudos literários. Universida Complutense de Madrid. Disponível em: <<https://webs.ucm.es/info/especulo/numero45/nostoscl.html>> acessado em 22/09/18.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação/ Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (org.); Vivian Carla dos Santos (colab.) – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. *Os Cantos de Fouror: esrileitura em filosofia-educação*. Porto Alegre: UFRGS; Sulina, 2007.

CORAZZA, S. M. AQUINO, J. G. Dicionário das ideias feitas em educação/ Sandra Mara Corazza, Julio Groppa Aquino; ilustrações Mayara Martins Redin. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DALMASO, Alice Copetti. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Fiandar com escritas de futuras pedagogas: alguns rastros das incendiadoras de caminhos. Revista Eletrônica de Educação, v. 13, n. 2, p. 702-711, maio/ago. 2019 ISSN 1982-7199 |DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271992673>. Disponível em: < <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2673/802>> acessado em 25/06/19.

DE ARAUJO, R. y CORAZZA, S. (2018). Método maquinatório de pesquisa. Pedagogía y Saberes, 49, 67-80. Disponível em:< <file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/8171-Texto%20del%20art%C3%ADculo-20140-2-10-20180705.pdf>> acessado em 22/09/18.

DELEUZE, Gilles. As dobras do lado de dentro de pensamento (subjetivação). In: Foucault. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

\_\_\_\_\_. Crítica e Clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. O Abecedário de Gilles Deleuze. Descrição de entrevista realizada por Claire Parnet, direção de Pierre-André Boutang, 1988-1989. Disponível em: [www.oestrangeiro.net](http://www.oestrangeiro.net) . Acesso em 09/09/18.

DELEUZE, G. GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. G.; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_, G. Proust et les signes. Paris: PUF/Quadrige, 1998.

\_\_\_\_\_. G.; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução Cintia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. Orlandi. – 1. Ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DROIT, Roger-Pol. Michel Foucault, Entrevistas. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_.O que é um autor? Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. p. 129-160. Disponível em: <[file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20\(1\).pdf](file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20(1).pdf)> acessado em 26/03/16.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. Educação e Realidade. 27(2): 169-178 jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>> acessado em 21/02/19.

HAESBAERT, Rogério. BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:-ApuUgDg4s4J:www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/74/72+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 10/06/15.

IONTA, Mariza. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Abr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2011000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100007)> acessado em 19/06/15.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2003, Nº 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> acessado em 15/05/15.

\_\_\_\_\_, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas/ texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5, Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

LE BRETON, David. Elogio del Caminar. Bibliotec de ensayo Siruella. 2011.

\_\_\_\_\_.David. Caminar: Elogio de los caminos y de la lentitud. – 1º ed.. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2014.

LISPECTOR, Clarice. 1925 – 1977. Um sopro de vida: pulsações/ Clarice Lispector. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LISPECTOR, Clarice. Jornal do Brasil – 1972.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 (349p.).

\_\_\_\_\_, F. Crepúsculo dos Ídolos. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. Coleção Debates, São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.

PELBART, Peter Pál. Da polinização em filosofia. Disponível em:<  
<http://deleuze.tausendplateaus.de/wpcontent/uploads/2014/10/Dapoliniza%C3%A7%C3%A3o-emfilosofiaArtigo-de-Peter-P%C3%A1l-Pelbart.pdf>> acessado em 02/11/17.

PÉREZ, C. L. V. Imagens Caleidoscópicas: as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras. In: 2º Seminário Internacional: As redes de conhecimento e a tecnologia: imagens e cidadania, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:<  
<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames>> acessado em 23/09/15.

SARAMAGO, J. Cadernos de Saramago. Disponível em:<  
[https://www.google.com.br/search?ei=7WeW4lbi5mTBdeZgAM&q=http%3A%2F%2Fcaderno.+josesaramago.org.&oq=http%3A%2F%2Fcaderno.+josesaramago.org+&gs\\_l=psy-ab.1.0.35i39k1.5860.7133.0.8686.2.2.0.0.0.385.742.3-2.2.0...0...1.1.64.psy-ab..0.1.356...0.Mplb8vHJrSY](https://www.google.com.br/search?ei=7WeW4lbi5mTBdeZgAM&q=http%3A%2F%2Fcaderno.+josesaramago.org.&oq=http%3A%2F%2Fcaderno.+josesaramago.org+&gs_l=psy-ab.1.0.35i39k1.5860.7133.0.8686.2.2.0.0.0.385.742.3-2.2.0...0...1.1.64.psy-ab..0.1.356...0.Mplb8vHJrSY)> Acessado em 02/11/17.

SILVA, Emanuel Augusto Machado da. A educação menor em Silvio Gallo. Disponível em:<<http://semanadoconhecimento.upf.br/download/anais-2015/ciencias-humanas/emanuel-augusto-macghado-da-silva-a-educacao.pdf>> acessado em 20/02/19.

SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. [Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza]Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005 1183 Disponível em:< <http://www.cedes.unicamp.br>>acessado > acessado em 09/09/18.

TERRA, Marina Furtado. Espaço e educação: cartografia de singularidades em um bairro de Juiz de Fora – MG. Disponível em:<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1KRk06pSfckJ:www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Disserta%25C3%25A7%25C3%25A3oMarinaFurtadoTerra.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 02/09/18.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. A escrita nômade de Clarice Lispector. ALEGRAR nº04 - 2007 - ISSN 18085148. Disponível em:<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos\\_A\\_04/03\\_escrita.pdf+&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/04/textos_A_04/03_escrita.pdf+&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br)> acessado em 09/06/15.

## **Apêndice ou aquilo que foi escrito depois para explicar o que quis dizer antes ou outro resumo.**

- *Um pensamento que se faz no entre...*

Foi a partir desta frase que o processo de escrita desta dissertação se fez ao longo de dois anos, talvez mais, pois este trabalho dá seguimento ao iniciado em 2016 que se chama: *Cartas Para Ler e Escrever. Cartografando Uma Prática De Ensino* no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL campus Pelotas, onde o pensamento de um professor da rede municipal e estadual na cidade de Pelotas – RS, aluno de um curso de pós-graduação ainda se construía. Dúvidas, incertezas e interesses moviam as ideias, os diálogos e a construção de um texto que desse conta de dizer, a partir de uma experiência de escrita de cartas desenvolvida em um pretérito remoto, o que este professor vinha desenvolvendo com seus alunos em sala de aula. Um pretérito impregnado de arte. Criação. Descobertas. Processos subjetivos a partir da escrita de cartas que extraíram véus das faces.

O que aquela dissertação queria tratar de falar era o que aquele professor, aluno de pós-graduação buscava oferecer, aos seus alunos de um quinto ano do ensino fundamental, uma experiência que para si foi de aprendizados. Sua docência exposta. Sua carne abrindo chagas. Cicatrizando-as. Dúvidas acerca de seus fazer docente. *Recomeços*. Partes de um pretérito que ainda se faz. Sendas.

No hoje, aquele professor é ainda um aluno de pós-graduação, mas para além, um pesquisador, pois compreende seu papel como tal e de tal modo consegue dar expressão a construção de seu pensamento, pois entende e tem a percepção de que seus processos de aprendizados se faziam/fazem a partir das subjetivações que se davam/dão com a escrita. O escrever como processo de subjetivação e construção de pensamento. E, é isso, o que esta segunda dissertação, agora sendo feita no programa de pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. O Ano é 2020. Acontecimentos distintos

marcaram este período e a história irá muito falar sobre, pois acontecimentos globais acerca de um vírus, de um presidente em nosso país, de situações de isolamento que reescreveram modos de como interagirmos e que acima de tudo nos disseram que é do Estado à responsabilidade de manter seus cidadãos e de proporcionar, segurança, saúde e infraestrutura, o que há muito ou nunca foi minimamente suprido e que vem sendo negligenciado, enfim.

Este apêndice vem tratar de dizer o que escrevi em cada capítulo desta dissertação. Serve quiçá como uma introdução, uma bússola, um astrolábio, um mapa ou até mesmo um GPS enfim...

Algo parecido com esta escrita creio já ter sido feito, em meio as estas páginas, mas como este é um trabalho que não tem início, meio ou fim, pois cada 'capítulo' dá suporte ao outro, e não importa qual você leia primeiro. O que poderia tentar dizer em palavras, é que o que aqui está escrito trata de dizer é sobre como me ocorrem os processos de escrever. Este é o fim norteador de toda esta pesquisa, a escrita e suas particularidades, e, em meio a esta dissertação vou dizendo como isso me ocorreu, a forma e como ofereço aos meus alunos; o quanto me é caro, e quais possíveis disparadores me fazem criar-escrever-problematizar.

Em diferentes tipografias [fontes] há poemas meus que pouco ou muito exemplificam sobre meu objeto de pesquisa.

Como todos os trabalhos acadêmicos sugerem, necessitam, precisam tal como carrapato seu hospedeiro, há em seu início um resumo e após em língua estrangeira [nemuseR] o qual há a necessidade de habilidade para ler. Um exercício. Um que ofereço a você tal como ofereci aos meus alunos do quinto ano em 2019. Após surge um poema escrito em forma de prosa. **A culpa**. Um divisor de águas em minha proposta literária, pois este é o primeiro de uma série de poemas semelhantes que surgiram depois. Mais precisamente sete poemas, dos quais copilei em uma série chamada 'Ao fechar os olhos...', um pequeno livro de artista dividido em sete partes onde cada uma em forma de prosa diz sobre alguns sentimentos. Tal inspiração para compor este livro de artista partiu

das aulas da professora Helene Sacco em uma disciplina que foi ministrada em conjunto com a professora Ursula no primeiro semestre de 2018.

Algumas pegadas que foram seguidas... é basicamente a introdução da dissertação, mas que tanto faz se você ler ela muito depois, pois a vontade é transformar este texto em objeto no qual você não só lê e escreve, mas risca, apaga, vira de um lado, de outro, lê, escreve, [re]escreve novamente e assim usa o que lhe ofereço. Pense num pacote, um envelope, uma caixa e dentro dele maços de papel unidos em partes separadas. Um maço com vinte folhas, outro com cinco, mais adiante duas, além outras doze folhas... Não importa qual você selecione para ler.

Faço experimentações com imagens, isso é novo, e de alguma forma surge para dizer o que a palavra não conseguiu ou é a imagem enquanto palavra...

Dicionário de palavras raspadas criado para distrair, ou não... surgiu em uma aula com a professora Angela Poolman no segundo semestre de 2018. Nesta disciplina haviam exercícios de criação, de escrita e uma palavra dita foi suficiente para em aula mesmo criar tal dicionário. Sua relação com a dissertação é imensa, pois por vezes alguns conceitos precisavam ser mais explicitados e as ideias não se concretizavam, e deste modo lançar mão do uso de algumas foi inevitável.

*Escapar...* é justamente isso o que trata de dizer o poema 'Eu busco escapar do silêncio, pois o meu me prende, sufoca e causa-me medo, torna-me claustrofóbico no sentido mais real da palavra...'

As límpidas águas do intelecto que forjam a atualidade ou somente m26 fala de um pretérito artístico muito expressivo e que me colocou no caminho da literatura. Escrever sobre este pretérito foi uma sugestão do professor Cláudio Tarouco, em uma conversa/orientação que tive com ele após a defesa de qualificação. O professor Cláudio foi muito inspirador. A partir das proposições em suas aulas pude perceber que as coisas que nos são postas possuem inúmeros prismas, e cada um as percebe

de distintos modos, ou seja, nada é fixo, nem mesmo um pensamento, uma ideia, um conceito acerca de determinado assunto. Ainda, mais adiante, inspirado ainda em uma aula do primeiro semestre de 2018 com o professor Cláudio surge à série Angustia. Fotos que fiz quadros, emoldurei e expus na casa de Cultura Jornalista Hipólito Jose da Costa no Capão do Leão – RS.

Tais fotos surgem em uma aula quando professor Cláudio nos oferece uma atividade que envolvia potes de vidro de tamanhos e formas distintos cheios de água onde em cada pote era gotejada essência de uma ou outra cor e após na borda era colocado uma lâmina de papel a qual transferia para sua face formas incríveis. Eu fiquei no meio do caminho e me deslumbrei com as formas feitas da tinta na água.

O que pode escapar do silêncio? É talvez a parte mais teórica e recheada de autores que me autorizam a falar sobre processos de subjetivação, sobre escrever, mas não pense que é uma leitura engessada, que demanda muitas paradas, ou que é rebuscado em demasia, não a vejo desta forma, e penso ser bem veloz: *‘É dos lapsos cruéis de realidade que busco escapar, e na procela herética da palavra-poesia cavalgar tropéis pueris de palavras-cambaleantes tendo abaixo dos véus de meus olhos poeira e vento que transcendem em uma artesanía, de fazer-ser, aguçar, sentir e buscar alcançar no febril verbo notas dissonantes que escapam em um vir a ser...’*. Propositadamente crio um hiato, uma página em branco, um vazio repleto de vontades, uma solidão povoada de outros de mim. Um Hiato que surge mais tarde em forma de texto que explica algumas coisas. Um hiato no sentido literal, pois me afastei bastante da artesanía do escrever.

Em ‘A página que encerra o texto ou que liberta a ideia – vagueia livre...’ é um capítulo de uma lauda, a página que encerra o texto, quem sabe, pode limitar a ideia, castrar, cerrar, cerzir, costurar, coser, cortar impor uma duração, um espaço, ritmo, tempo velocidade, volume ao que se quer dizer o expressar, ou não, pode também libertar a ideia e deixar fruir o pensamento.

Por que caminhar? O deserto, esta escrita; notas de um andarilho... é outro capítulo robusto de autores, pois a muito tempo tinha comigo a ideia de relacionar a confecção de escrita como uma caminhada. A confecção de uma pesquisa de mestrado como

uma jornada. Esta é minha segunda pesquisa e traz muitas relações com a primeira, possui muitas afinidades, mas é outra caminhada, outra jornada, mesmo que o caminho seja semelhante há muitas coisas novas. E o que é o caminhar? Este prosaico gesto... *‘O que penso ser importante são as maneiras como voltamos um dia por este caminho, e o modo como o trilhamos novamente’*. Em meio a este capítulo a um poema: Uma sombra bailarina solitária é outro poema que me faz refletir acerca de minha docência, pois, *somos como poeira e como tal bailamos sob os caprichos de nossas vaidades, assim como baila lépida aos sabores do vento a poeira que no deserto cria seus platôs por onde se faz e desfaz num intenso frenesi de viver*, ou então que professor penso ser se deixo minhas vaidades me dominarem?

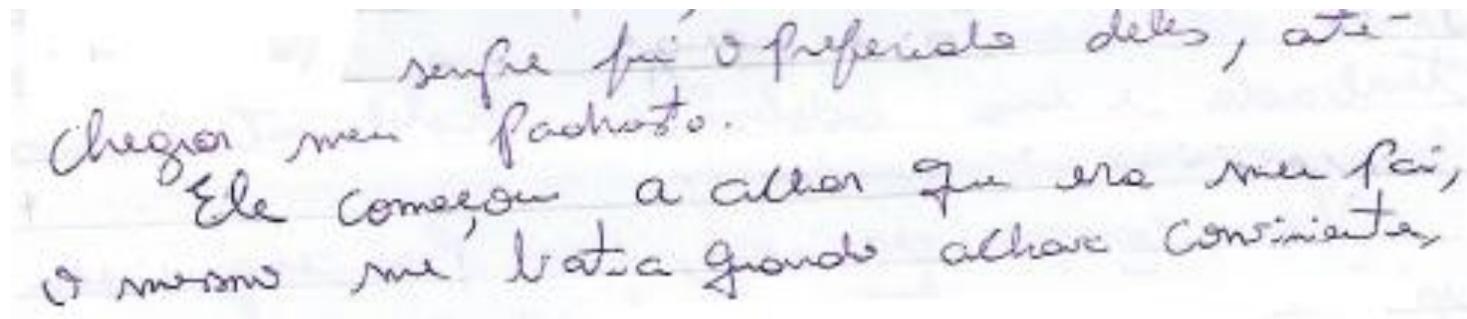
Há também os primeiros recortes de textos de meus alunos. Estes primeiros são de um aluno do segundo ano do ensino médio, que resolve escrever um pequeno diário, inspirado em uma fala que fiz em aula onde em meio ao conteúdo lhes disse sobre meus processos de escrita.

Em meio as meus pensamentos e pesquisas surge uma leitura de José Saramago e resolvi trazer para dentro da dissertação um excerto extraído do texto Biografia do dia 23 de setembro de 2008 do livro “O caderno. Textos escritos para o blog. Setembro de 2008 – março de 2009”. Tal livro foi editado pela Companhia das Letras.

Meu diário triste de horrores cotidianos, ou um relicário de palavras... É um texto que faço as margens do caminho um pouco mais a beira do penhasco, aqui faço um sobre a proposta de escrita realizada com a turma do segundo ano do ensino médio onde havia feito um pergunta que era a seguinte: Onde se encontra o ruído de sua palavra? Esta questão foi disparadora de muitas discussões em sala de aula e provocou os alunos a falarem a escreverem. No capítulo anterior trouxe recortes de respostas dadas por uma das alunas, e lá dissertei a respeito. Mas aqui, o que me chamou muito a atenção foi o fato de um menino se abrir, se expor. Teve neste momento a oportunidade de através da escrita se dizer e o que lhe perturbava, de tal modo que sua escrita

me fez questionar qual o meu papel como docente em sala de aula, pois, se não souber quem são meus alunos de que vale estar lá? Se não souber suas histórias como querer que depositem em mim confiança e deste modo podermos construir um ambiente em sala de aula de real aprendizagem, pois lecionar não é tão somente depositar conteúdo no quadro, explicar e querer que entendam. É preciso que exista uma colaboração mútua, uma reciprocidade para ambos possamos aprender juntos e isso só ocorre quando professores e alunos constroem uma relação de confiança.

Foi isso que este menino demonstrou com sua escrita.



sempre fui o preferido deles, até  
chegar meu Pachoto.  
Ele começou a alhar que era meu pai,  
o mesmo me batia grande alhar com muita

**Figura 04:** Anexo 01. Texto escrito pelo aluno 'M'. Escola Estadual de Ensino Médio Dr.º Augusto Simões Lopes, 2018. Pelotas – RS, Brasil. Fonte própria de arquivo pessoal

*o gorjeio dos pássaros.*

É um poema que fala de silêncio. De escuta. Que aprender.

Angustia é a parte escrita das imagens que foram produzidas na aula do professor Claudio Tarouco, já comentei sobre elas antes. É ou foi um modo distinto de usar as palavras ou aquilo que me tomou de silêncio e ocupou outra forma de expressão.

Hiato [*Pelotas – RS, 20 de maio de 2020*] como a própria sugere foi escrito por estes dias, assim como este apêndice, e, é a vontade de querer falar acerca do término desta experiência interrompida de construir esta dissertação. Dar motivos quem sabe para a não produção intelectual acerca desta proposta que há muito inquieta que é o escrever. Hiato tenta justificar o porquê de um projeto de pesquisa, que tinha a possibilidade de render ótimos frutos, é bruscamente ofuscado.

A experiência de trocar cartas com alunas de uma escola colombiana, a programação construída acerca da viagem de intercâmbio, as pessoas envolvidas tudo adiado por um tempo indeterminado o qual as perspectivas se diluíram como areia em água corrente.

O rato, o guerrilheiro e o professor: Tocas, trincheiras e resistência... é a conclusão, quiçá parcial, pois nunca nada está concluído, muito ainda para se escrever. Faço uma analogia acerca destes três 'personagens'<sup>4</sup> que assim como muitos conceitos deleuzianos se expressam distintos possuem em seu cerne uma intrincada rede de conexões. O rato cava toca e por elas se esgueira e nelas existe em meio a tantos outros, assim como o guerrilheiro que com cautela observa a melhor posição, o melhor caminho pelo terreno para buscar alcançar seus objetivos e que não mede esforços para sobreviver. O que ambos os 'personagens' diferem do professor? Este que experimenta caminhos distintos em meio ao terreno da docência. Cava trincheiras [buracos] e busca se defender, cria estratégias para alcançar seus objetivos...

Após surgem as referências não há o que comentar aqui.

**Apêndice ou aquilo que foi escrito depois para explicar o que quis dizer antes... [outro resumo]** é o que seu título já diz que é, e as notas de fim que são os pés de página [rodapé] que esteticamente preferi abrir um capítulo separado.

---

<sup>4</sup> Personagem não é palavra correta, mas me faltou uma que desse conta de expressar...

## Notas de fim

---

<sup>i</sup>Como forma de registro é bom dizer que Sandra Mara Corazza e Julio Groppa Aquino já em 2011 organizaram seu ‘Dicionário das ideias feitas em educação’, “uma enciclopédia crítica, realizada em forma de farsa – ao modo de Gustave Flubert, em seu *dictionnaire des idées reçues* – onde a inquietação destes, era voltada a educação (e seus confins)”... (CORAZZA, 2011, p. 10 *grifos do autor*), de outro modo este dicionário que lhes ofereço serve como bússola para orientar ou confundir, o caminhante nesta empreitada que faz por estes caminhos de escrita. Cabe ainda ressaltar que o disparador para pensar o ‘Dicionário de palavras raspadas criado para distrair, ou não...’ surge em uma aula de Metodologia da Pesquisa realizada no dia 17/04/19, no turno da manhã, onde tive um encontro com uma palavra disparada pela minha orientadora, **opacidade**, e, que, após, ainda nesta aula, comecei a perseguir outras, e mais outras palavras, e, as fui *raspando* dando a forma inicial a este dicionário. Ao longo do término da confecção desta dissertação fui acrescentando outras palavras e tornando este dicionário um instrumento, um artefato, um objeto, uma bússola [talvez quebrada] que aponta para várias direções...

<sup>ii</sup>O Código de Endereçamento Postal (CEP) foi criado pela empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em maio de 1971, com a finalidade de racionalizar os métodos de separação da correspondência por meio da simplificação das fases dos processos dentro dos Correios. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/precisa-de-ajuda/busca-cep>> acessado em 21/06/19.

<sup>iii</sup>A banda m26 surgiu em meados de 1996 com Ronaldo Campello (vocal), Alexandre Fernandes (guitarra), André Lisboa (Baixo) e Gabriel Porto (bateria). Do trabalho desta formação é lançada em 1998 a demo “Outubro”, que apresentava um black/death metal, cantado em português, fato que muito chamou atenção na época. Em 2000, após a entrada da vocalista Carla Domingues, a banda busca novas influências, mais melódicas e, com isso, lança, em 2001 sua segunda demo intitulada “Sentimentos Sombrios”, que recebeu ótima aceitação tanto no cenário nacional, como internacional, uma vez que também foi divulgada no Uruguai e em Portugal. Neste período a banda dividiu o palco com grandes nomes do cenário mundial, tais como: Incantation (EUA) - em Santa Catarina, Requiem Aeternam (Uruguai) no Brasil e em Montevideo, Centennial, Krisiun, entre outros. Após algumas mudanças no lineup, primeiramente com a saída de Ronaldo e depois de Alexandre, a banda busca uma reformulação em sua música e, com a entrada de Vitor Neves (guitarra) e Jean Gularte (vocalis), lança o promocd “Solidão” que, segundo a conceituada Revista RoadieCrew, alcançou “qualidade de altíssimo nível em todos os aspectos...”.

<sup>iv</sup>Filipeta, termo do português brasileiro equivalente ao inglês flyer, são pequenos folhetos ou panfletos publicitários cuja função é anunciar e promover eventos, serviços ou instruções numa ampla gama de aplicações.

---

“Para Deleuze, os processos se constroem na multiplicidade; “as unificações, subjetivações, racionalizações, centralizações não têm qualquer privilégio, sendo freqüentemente impasses e clausuras que impedem o crescimento da multiplicidade, o prolongamento e o desenvolvimento de suas linhas, a produção do novo” (Deleuze, 1992, p. 182).

<sup>vi</sup>Trecho da música ‘solidão’ da banda de dark metal m26 que compõe o CD Misantropia 2015. Independente.

<sup>vii</sup>Ouroboros. Imagem extraída da internet: Disponível em: <  
[https://www.google.com.br/search?q=ouroboros+imagens&tbm=isch&tbs=rimg:CbtKlpEwKMH4ljhZPDm06h0eNbQTaAj8qcBbKZOMSnITkzz17kT5TfXlwS9gp4PILx2tX9fzIEK5X7GgdQ0Xa8VKSoSCV8ObTqHR41EX5RmPYNiwaJKhJtBNoCPypwFsR0Gi1PLFONVUqEgkpk4xL6eVMrBGtg\\_19HfSWgBSoSCfPXuRPIN9cjEf7HDS\\_1PaamuKhIJBL2qng8gvHYRssCibboWsqEgm1f1\\_1OUQrlfhGAIbBp2d04nioSCcaB1DRdxUpEYpiJASKGrTy&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwiQ5pj\\_tr\\_dAhWFQZAKHYXCDMQ9C96BAgBEBs&biw=1024&bih=662&dpr=1#imgsrc=DFJ\\_aShs\\_46l2M](https://www.google.com.br/search?q=ouroboros+imagens&tbm=isch&tbs=rimg:CbtKlpEwKMH4ljhZPDm06h0eNbQTaAj8qcBbKZOMSnITkzz17kT5TfXlwS9gp4PILx2tX9fzIEK5X7GgdQ0Xa8VKSoSCV8ObTqHR41EX5RmPYNiwaJKhJtBNoCPypwFsR0Gi1PLFONVUqEgkpk4xL6eVMrBGtg_19HfSWgBSoSCfPXuRPIN9cjEf7HDS_1PaamuKhIJBL2qng8gvHYRssCibboWsqEgm1f1_1OUQrlfhGAIbBp2d04nioSCcaB1DRdxUpEYpiJASKGrTy&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwiQ5pj_tr_dAhWFQZAKHYXCDMQ9C96BAgBEBs&biw=1024&bih=662&dpr=1#imgsrc=DFJ_aShs_46l2M): > acessado em 16/09/18

<sup>viii</sup>El acontecimiento es lo que llega, lo que viene por sorpresa y no se puede anticipar, ni planificar; es lo que irrumpe y rasga la continuidad de una determinada experiencia del tiempo”.

<sup>ix</sup>Todas as imagens desta série intitulada angústia foram feitas no dia 31/10/2018 na disciplina de Metodologia de Pesquisa, neste dia, ministrada pelo Prof.º Dr.º Cláudio de Azevedo Tarouco que nos ofereceu como prática de ensino uma atividade denominada “oficina dos fluídos”, onde entre outras coisas tínhamos que observar e responder algumas questões: O que parece? O que sinto? O que, porque e como acontece? – trago nesta nota de rodapé [para além das fotos produzidas nesta aula] o que me foi possível escrever desta experiência buscando responder tais indagações.

– Acontece de maneira suave e singular um atrito entre dois elementos líquidos distintos que produzem algo novo, e mesmo que já tenha sido feitos antes por inúmeras outras vezes com os mesmos elementos, a mesma disposição de materiais o resultado é sempre outro...

– Grãos de textura do que o sol nos oferece: suas formas variáveis, densidades, massa e forma de como se formam, suas matizes de cor e movimentos que se atravessam no atrito produzindo ‘angústia’, ou o que se captura no instante de um segundo imerso nas possibilidades infinitas do intervalo, dos entrelugares. O tempo seguro-prisioneiro da duração mínima que se faz tecendo simetrias disformes criando rupturas e arte.

<sup>x</sup> Fotos 01 a 06. Série Angústia. Ronaldo Campello. Ano 2018. Fotografia digital. Imagem PNG 558 KB (572.097 bytes). Arquivo do autor.